

Queremos Seguir Jesus

CATEQUESE 3º ANO



Guia do Animador Familiar

Fundação Secretariado Nacional de Educação Cristã

Encontro Introdutório

Este encontro deve acontecer num dos domingos (ou sábados) que antecedem o início da catequese. Realiza-se nos mesmos moldes de um *Domingo em Família*: os pais têm o seu encontro, coordenado pelo(a) Animador(a) Familiar, e os filhos o seu, coordenado pelo(a) catequista, terminando com a Eucaristia da comunidade.

No **encontro dos pais** faz-se uma avaliação da caminhada feita (podendo-se usar o esquema do ano anterior) e a programação do novo ano catequético. Aproveita-se a ocasião para fazer algumas recomendações aos pais, entregar o material, etc. As reflexões feitas podem dar origem a uma *oração dos fiéis* a ler durante a missa que se segue. Os pais também podem combinar entre eles quem poderá ler as *leituras* na missa. No final, o(a) Animador dá sugestões e ajuda os pais a prepararem o primeiro *Diálogo em Família*.

Encontro das crianças: enquanto decorre o encontro dos pais, o catequista prepara com as crianças um gesto significativo para a Eucaristia. Por exemplo, as crianças podem preparar o momento de entronização da Palavra, com gestos simples: uma pequena procissão seguindo o evangeliário (uns podem levar as velas, outros as flores, etc); uma *Aleluia* cantada e, até mesmo, acompanhada de gestos ou de palmas; durante a proclamação do evangelho, as crianças podem colocar-se em frente do ambão com as mãos abertas como sinal de quem quer acolher a Palavra.

O **Celebrante**, no momento da homilia, pode fazer uma referência explícita ao caminho feito por estas famílias. Um caminho marcado pela escuta da Palavra. Anunciar uma nova etapa (novo ano) e desafiar outras famílias a experimentarem.

1ª Etapa:

A nossa família é chamada a viver e anunciar Jesus Cristo

Objectivo:

Ao longo desta etapa a família, para além de relembrar os encontros desde a primeira hora, procura: compreender a catequese como “lugar” de encontro com Jesus; despertar para o desejo e a alegria de seguir Jesus; reconhecer que há muitas pessoas que seguem Jesus; descobrir quem foram os discípulos de Jesus; fortalecer a adesão a Cristo, em ordem ao seu anúncio, tomando consciência da sua missão na Igreja e no mundo.

Leitura integrada:

No guia do catequista «Queremos seguir Jesus», pp. 43-78.

No Catecismo da Criança «Queremos seguir Jesus», pp. 9-20.

Semana	Pais (na paróquia)	Filhos (na paróquia)	Família (em casa)
OUTUBRO			
1ª			<i>Ele está no meio de nós</i>
2ª	<i>O «lugar» do encontro</i> Sugestões para o diálogo em família	Síntese do diálogo em família <i>Ele está no meio de nós</i>	
3ª			<i>Deixaram tudo e seguiram Jesus para anunciar o Reino de Deus</i>
4ª Domingo em família A família na família cristã vivendo o Dia do Senhor	<i>A vocação e missão dos cristãos leigos na Igreja e no mundo</i> Sugestões para o diálogo em família	Síntese do diálogo em família <i>Deixaram tudo e seguiram Jesus para anunciar o Reino de Deus</i>	

1ª Semana

Diálogo em família (preparado no encontro introdutório)

Este diálogo em família é devidamente preparado com os pais, no final do encontro introdutório (para a programação do novo ano). Convém que aquele lugar «especial», onde em casa se encontra a Bíblia e onde acontecem as celebrações familiares, esteja devidamente preparado.

A família (pais e filhos) vai recordar a *Festa do Pai-nosso*: pode começar por ver, descontraidamente, as fotografias da festa e, depois, seguir o *Guia dos Pais*, pp. 11-16.

2ª Semana

Na Paróquia

O primeiro encontro é para avaliar a caminhada anterior que culminou com a *Festa do Pai-nosso* e motivar para a caminhada futura (aprofunda o Encontro Introdutório, mas vai mais além). Esta primeira experiência de «estar juntos» pode ser determinante para todos os outros encontros sucessivos e abrir para o grande sentido do «encontro»: do grupo, da família, com Jesus na catequese e na Eucaristia.

I. Encontro de Pais:

O «lugar» do encontro

EXPERIÊNCIA HUMANA

Trabalho em pequenos grupos – 20 min.

Em pequenos grupos, os pais, sobretudo os casais, partilham a memória do seu primeiro encontro e como esse encontro foi o início de uma relação mais profunda; depois, também partilham a memória do primeiro encontro com o grupo de Catequese Familiar e como, progressivamente, foram vivendo esse encontro, criando uma relação de grupo; finalmente, partilham como viveram a *Festa do Pai-nosso*.

REFLECTINDO

Em assembleia: partilha e aprofundamento – 20 min.

Após os grupos apresentarem, em plenário, a partilha dos pais, o(a) Animador(a) abre para um sentido mais profundo do encontro:

- Em que sentido podemos dizer que a catequese é um lugar de «encontro» com Jesus e com Deus Pai?

- O que significa para vós a expressão de Jesus: «*Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles*» (Mt 18, 20).

A fé cristã não consiste em acreditar teoricamente num conjunto de verdades, num corpo doutrinal. A fé é o encontro com Jesus, porque «no início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte, desta forma, o rumo decisivo» (Bento XVI, *Deus caritas est*, nº 1). Implica a adesão de todo o coração, de todo o nosso ser ao Deus-Amor que vem ao nosso encontro em Jesus Cristo. É uma relação viva que exige estar com Ele, conviver com Ele. Caso contrário, como diz o ditado, «longe da vista, longe do coração», tal como acontece com os amigos.

A fé exige ser celebrada, a relação com Deus vive-se profundamente quando a celebramos, tal como quando celebramos a amizade com os amigos.

Encontro pela Oração: «*Digo-vos ainda: se dois de entre vós se unirem na terra, para pedir qualquer coisa, hão-de obtê-la de meu Pai que está nos Céus*» (Mt 18, 19). Uma oração que é tanto mais eficaz, quanto for feita em comunidade de dois, ou mais, dos seus membros. Uma oração que, assim, reforça os laços de comunhão entre as pessoas e, nessa comunhão, lhes transmite a necessária persistência na procura da “ovelha perdida”. Uma comunhão que é tanto mais forte, quanto no seu fundamento está a união total com Deus, permanentemente renovada pela oração: aquela entrega da fé a Ele que, deste modo, se torna mais presente e actuante naqueles que a Ele se confiam.

Assim foi com o próprio Jesus. A oração fez parte integrante da sua vida e actividade messiânica, até ao seu auge na entrega da vida na cruz. Deu-a, entregando-se totalmente a Deus. Por isso, o que humanamente era impossível, aconteceu realmente: pela ressurreição Ele ficou connosco *até ao fim dos tempos* (Mt 28, 20). Está connosco, particularmente quando em seu nome, de “Deus - connosco”, nos reunimos para, por Ele, com Ele e n’Ele, rezarmos ao Pai que está nos Céus.

É uma oração que nos capacita para aquilo que, humanamente, parece impossível: por exemplo, acolher as crianças com aquela atenção, aquele amor de que elas necessitam para sentirem, através do catequista, que Jesus realmente as ama... Assim, a preparação para cada encontro de catequese deve começar, para o catequista, com a oração e a preparação da oração que fará com as crianças. Esse cuidado é especialmente importante, quando o catequista se prepara para aquele primeiro encontro em que a experiência de estarmos juntos pode significar tanto para todos os encontros que se seguirão» (*Guia do Catequista*, pp. 45-46).

Encontro pelos Sacramentos: o encontro com Deus acontece de um modo especial nos sacramentos. Nos sacramentos celebramos o encontro salvífico com Deus sob a forma de gestos e sinais visíveis. Esse encontro celebrativo com Deus alarga-se e contagia todos aqueles que ali se encontram pelo mesmo motivo.

Ao longo deste *Ano de caminhada* dedicar-se-á uma atenção especial aos **sacramentos**. O objectivo é descobrir que nos sacramentos se celebra um encontro privilegiado de Deus connosco, através da linguagem humana dos sinais e da Palavra.

ILUMINADOS PELO EVANGELHO

Leitura bíblica e reflexão, com a possibilidade dos participantes fazerem a sua partilha – 15 min.

Lê-se **Jo 1, 35ss.**

Em Cristo dá-se aquela profunda proximidade da história humana (e de cada homem) com Deus. O homem e a sua história entram num projecto que o próprio Deus vai construindo e vivendo. Jesus Cristo é um acontecimento (vida, morte, ressurreição, ressuscitado que vive no meio de nós) que transfigura o destino do homem (e de cada homem) e o horizonte da história. Confiar em Cristo é elaborar o projecto de vida sobre a força da sua palavra. Só encontra a sua verdadeira identidade quem identifica o seu próprio projecto de vida com o projecto de Cristo, isto é, descobre em Cristo o sentido para a sua própria vida. Esta identificação com o Mestre só é possível através do encontro, que passa por estar com Ele, «ir e ver» a sua morada, encontrar e «ver» com todo o nosso ser, com os olhos da fé. Encontrar, ou deixar-se encontrar pelo Senhor, implica «vir e ver», porque a visão do Senhor vem da permanência n'Ele e com Ele.

Foi precisamente isto que aconteceu com André que, depois de ver onde morava o Senhor, ficou com Ele nesse dia. E a «visão» de Cristo fez com que, após aquela experiência tão intensa, André sentisse uma vontade incontida de anunciar a todos, começando pelo seu irmão, o «encontro» que trouxe um novo sentido à sua vida. Porque Cristo revela o homem ao homem: ajuda o homem a compreender-se a si próprio. A Sua palavra é fundamentalmente a verdade sobre o homem.

No final, o(a) Animador(a) dedica algum tempo para dar sugestões aos pais sobre o *Diálogo em Família* na semana seguinte, seguindo o *Guia dos Pais*.

II. Catequese das crianças: Ele está no meio de nós

O(a) catequista, depois do acolhimento adequado para esta ocasião de início do Ano catequético, começa por provocar as crianças a partilharem o que aconteceu no *Diálogo em Família*. Desta forma, o encontro começa pela recordação e vivência da experiência em que culminou a caminhada catequética do ano anterior: a *Festa do Pai-nosso*.

Em seguida, o(a) catequista faz a primeira catequese (*Guia do Catequista*, pp. 43-54), ajudando as crianças a compreender que a catequese é um «encontro» com Jesus e é Ele que está no centro do grupo: Jesus está no meio de nós, da nossa família e da nossa comunidade e a todos nos chama para O seguir com alegria!

3ª Semana

Diálogo em Família

Acompanhar a explicação com a apresentação do Guia dos Pais nas páginas 17 a 24.

Em casa, no momento e no local mais próprios, os pais ajudam os filhos a reconhecer que há muitas pessoas e famílias que acreditam e seguem Jesus; ajudá-los a descobrir quais foram os primeiros seguidores de Jesus; levá-los a acreditar verdadeiramente em Jesus e falar dele, mas para tal precisam do testemunho de fé de pessoas por quem nutrem especial admiração, como é o caso dos pais.

4ª Semana

Domingo em Família

Este encontro acontece na paróquia antes da Eucaristia. Simultaneamente, os pais e os filhos têm os seus encontros e preparam-se para participar de uma forma mais activa (porque toda a participação deve ser activa) na celebração eucarística da comunidade.

I. Encontro de Pais:

A vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo

No encontro dos pais, o(a) Animador(a) tendo presente que estes abordaram com os filhos, em casa, as catequese 2 e 3 do *Catecismo da criança*, sobre a vocação dos Apóstolos e como estes, deixando tudo, seguiram-no para anunciá-Lo, deve exortá-los à consciência e importância da sua vocação na Igreja e no mundo. Ao introduzir o tema, incontornável na vida da Igreja, deve apresentar os documentos fundamentais: Capítulo quarto da Constituição Dogmática *Lumen gentium*, do Concílio Ecuménico Vaticano II; *Vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo*, Exortação Apostólica do Papa João Paulo II.

O Concílio Vaticano II, não só trouxe uma nova autocompreensão eclesial, onde a Igreja se vê como Mistério de Comunhão, como um Corpo, onde todos os seus membros, porque baptizados, adquirem a mesma dignidade e participam da vocação universal à santidade, mas também valoriza a missão específica e insubstituível do leigo. A *Christifideles Laici. Exortação Apostólica sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo*, fruto do Sínodo dos Bispos a 20 anos do Concílio, define a questão sobre os leigos, promovida pelo Concílio, como a «maravilhosa “teoria” conciliar sobre o laicado» (*ChL*, nº 17). É específico e próprio do cristão leigo a *índole secular*: «procuram o “reino de Deus” tratando das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus» (*LG 31*).

Esta consciência é parte integrante do ser e agir da Igreja, desde a primeira hora, como a *Carta a Diogneto* nos descreve, afirmando que «Os cristãos são no mundo como a alma no corpo».

Neste encontro deve-se levar os pais a tomar consciência:

*De que todos temos uma corresponsabilidade na missão apostólica da Igreja;

*Alguns leigos são chamados pelos pastores a *colaborarem* na edificação da Comunidade Cristã (vida interna da Igreja);

* Todos os leigos são *corresponsáveis* pela índole secular, cooperando na santificação do mundo.

(Corresponsabilidade de todos, colaboração de alguns)

EXPERIÊNCIA HUMANA

Trabalho em pequenos grupos – 20 min.

Depois do acolhimento inicial, os pais, em pequenos grupos, reflectem partindo das seguintes questões: para muita gente, a Igreja é o Papa, os Bispos e os Padres: Será isso? Na Igreja, qual é o papel dos leigos, dos religiosos, dos padres, dos bispos e do Papa? O que significa a palavra «leigo»?

REFLECTINDO

Em assembleia: partilha e aprofundamento – 25 min.

Depois da partilha em plenário, o(a) animador(a) leva os pais a tomarem consciência do seu papel na Igreja, tendo presente as seguintes questões a reflectir em plenário:

Como leigo, já pensaste, à luz da fé, sobre qual o teu lugar dentro da Igreja?

Tendo presente as diferenças nas funções, teremos todos consciência do muito que nos une aos padres e religiosos(as)? Somos diferentes, mas complementares?

Leigo vem da palavra grega “laós” (povo) que, literalmente, significa *membro do Povo de Deus*. Nesse sentido todos os cristãos são leigos.

Esses membros do Povo de Deus, além da igual dignidade, da vocação à santidade e missão eclesial comum a todos os outros, também têm a mesma fé e receberam os mesmos sacramentos da Iniciação Cristã.

Os leigos têm a missão especial de estabelecer e incarnar mais directamente no mundo o Reino de Deus através da sua vida familiar, profissional e social inspirada no Evangelho.

Segue-se o **testemunho de um leigo comprometido**. E depois lê-se o **Cap. 5** e parte do **6** da *Carta a Diogneto*:

«Os cristãos, de fato, não se distinguem dos outros homens, nem por sua terra, nem por sua língua ou costumes. Com efeito, não moram em cidades próprias, nem falam língua estranha, nem têm algum modo especial de viver. Sua doutrina não foi inventada por eles, graças ao talento e a especulação de homens curiosos, nem professam, como outros, algum ensinamento humano. Pelo contrário, vivendo em casas

gregas e bárbaras, conforme a sorte de cada um, e adaptando-se aos costumes do lugar quanto à roupa, ao alimento e ao resto, testemunham um modo de vida admirável e, sem dúvida, paradoxal. Vivem na sua pátria, mas como forasteiros; participam de tudo como cristãos e suportam tudo como estrangeiros. Toda pátria estrangeira é pátria deles, a cada pátria é estrangeira. Casam-se como todos e geram filhos, mas não abandonam os recém-nascidos. Põe a mesa em comum, mas não o leito; estão na carne, mas não vivem segundo a carne; moram na terra, mas têm sua cidadania no céu; obedecem as leis estabelecidas, as com sua vida ultrapassam as leis; amam a todos e são perseguidos por todos; são desconhecidos e, apesar disso, condenados; são mortos e, deste modo, lhes é dada a vida; são pobres e enriquecem a muitos; carecem de tudo e tem abundância de tudo; são desprezados e, no desprezo, tornam-se glorificados; são amaldiçoados e, depois, proclamados justos; são injuriados, e bendizem; são maltratados, e honram; fazem o bem, e são punidos como malfeitores; são condenados, e se alegram como se recebessem a vida. Pelos judeus são combatidos como estrangeiros, pelos gregos são perseguidos, a aqueles que os odeiam não saberiam dizer o motivo do ódio.

Em poucas palavras, assim como a alma está no corpo, assim estão os cristãos no mundo. A alma está espalhada por todas as partes do corpo, e os cristãos estão em todas as partes do mundo. A alma habita no corpo, mas não procede do corpo; os cristãos habitam no mundo, mas não são do mundo. A alma invisível está contida num corpo visível; os cristãos são vistos no mundo, mas sua religião é invisível» (*Carta a Diogneto*, caps 5 e 6)

Chamado a colaborar na edificação da comunidade cristã:

O leigo, seja homem ou mulher, tem o direito e o dever de participar na vida da Igreja e na sua edificação. Por isso deve *participar activa e responsavelmente* nas instâncias de decisão, de modo a assumir a missão da Igreja como sua. Por exemplo, a participação nas Assembleias diocesanas, arciprestais (de vigararia), paroquiais; nos Conselhos (pastorais e económicos) e noutros organismos pastorais já é uma realidade, mas ainda há um longo caminho a percorrer.

O leigo é também desafiado a organizar-se autonomamente em estruturas eclesiais: associações, movimentos, acções pastorais específicas e outras formas de articulação que melhor o preparem e apoiem para o desempenho da sua missão. A *organização do laicado* deve ser sempre intimamente articulada com a participação na *comunidade eclesial*, nos seus diversos níveis. Porém, ainda muito há a promover e incentivar para um eficiente e específico contributo laical na comunhão eclesial.

Chamado a exercer a sua corresponsabilidade apostólica no meio do mundo:

A crescente integração entre fé e vida, fé e acção transformadora, fé e compromisso político, torna hoje explícito o sentido último e decisivo da acção do leigo no mundo: trata-se da antecipação do Reino que não se esgota nas limitadas conquistas históricas, mas passa necessariamente por elas. A vivência da fé cristã exige o compromisso de acção no mundo, o testemunho, o profetismo, e até a aceitação do martírio por fidelidade à missão. A compreensão cada vez mais difundida desta relação

entre fé e compromisso na história é um dos fatos mais notáveis nesta Igreja e a promover cada vez mais.

Os leigos, pela sua acção no meio do mundo, acentuam a dimensão de encarnação de Deus e do Seu Reino, profundamente comprometidos com o homem e com a causa do mesmo, porque o homem «é o primeiro e fundamental caminho da Igreja» (RH 14). A sua presença activa na família, na escola, na fábrica, nos sindicatos, nos meios de comunicação social, na política, etc., é fundamental para a implementação do Reino de Deus em todas as realidades humanas.

Para que os leigos sejam verdadeiramente comprometidos, colaborando na edificação da Igreja e, a seu modo, na sua missão apostólica no meio do mundo, é necessário que sejam cristãos adultos na fé. Para tal **é essencial uma formação sólida**, que os ajude a viver uma espiritualidade cristã autêntica para que na vida sempre se guiem por critérios de fé, individualmente e em grupo.

ILUMINADOS PELO EVANGELHO

Leitura bíblica e reflexão, com a possibilidade dos participantes fazerem a sua partilha – 10 min.

Lê-se **1 Cor 12, 12-31**.

Este texto fala por si. Porém o(a) Animador(a) poderá sugerir uma breve partilha dos membros do grupo e terminar com uma breve reflexão evidenciando a analogia da Igreja com o corpo humano e a corresponsabilidade de todos os seus membros.

II. Encontro das crianças Deixaram tudo e seguiram-no

O(a) catequista, depois de acolher as crianças e dialogar com elas sobre o *Diálogo em família*, faz uma catequese, sintetizando as catequese 2 («Deixaram tudo e seguiram Jesus») e 3 («Os apóstolos anunciam-nos o Reino de Deus»), seguindo o *Guia do Catequista*, da página 55 à 78. Nesta catequese procurará não só falar dos apóstolos como primeiros seguidores e anunciadores de Jesus, mas também fazer compreender que Jesus também chama cada um de nós e nos envia a anunciar o Reino de Deus.

2ª Etapa:

Eu creio que sois Cristo: esta é a nossa fé, em família

Objectivo:

Ao longo desta etapa a família vai descobrir e aprofundar quem é Jesus para os cristãos; aprender o significado do título «Cristo» ou «Messias» e acolher o seu anúncio pela conversão; renovar a fé em Jesus Cristo professada no Baptismo; preparar-se para a celebração da luz.

Leitura integrada:

No Guia do catequista «Queremos seguir Jesus», pp. 79-121.

No Catecismo da Criança «Queremos seguir Jesus», pp. 21-32.

Semana	Pais (na paróquia)	Filhos (na paróquia)	Família (em casa)
Novembro			
1ª			<i>Eu creio que sois Cristo Esta é a nossa fé</i>
2ª	<i>A Fé Professada é a fé conhecida, celebrada, vivida e testemunhada</i> Sugestões para o diálogo em família	Síntese do diálogo em família <i>Eu creio que sois Cristo Esta é a nossa fé</i>	
3ª			<i>Preparar a Celebração da Luz</i>
4ª Domingo em família A família na família cristã vivendo o Dia do Senhor	<i>Celebração da Luz</i> Sugestões para o diálogo em família	Síntese do diálogo em família <i>Celebração da Luz</i>	

1ª Semana

Diálogo em família

Acompanhar a explicação com a apresentação do Guia dos Pais nas páginas 25 a 39.

Os pais ao longo da semana vão falar de Jesus aos filhos. Mas contar-lhes quem é Jesus para eles, qual a força e o papel de Jesus na sua vida. Pretende-se que seja um testemunho que se pode alargar aos avós, se for o caso.

Depois, seguindo o *Guia dos Pais*, explicam-lhes o sentido da palavra «Cristo» e como seremos felizes se realmente acreditamos nele.

2ª Semana

Na paróquia

I. Encontro de Pais:

A Fé Professada é a fé conhecida, celebrada, vivida e testemunhada

Objetivo: mostrar que a fé cristã, recebida da Igreja e vivida em Igreja, é uma tradição viva e actual, ou seja, a integração numa família, a comunhão misteriosa com Deus e com a Igreja, que tem uma história preciosa e raízes sólidas; despertar para o conhecimento dos fundamentos da fé e para a vivência duma fé pessoal, convicta e esclarecida.

EXPERIÊNCIA HUMANA

Trabalho em pequenos grupos – 20 min.

Em pequenos grupos os pais vão reflectir sobre a fé. Podem partir das seguintes perguntas:

O que é a fé? Quais os fundamentos da fé?

REFLECTINDO

Em assembleia: partilha e aprofundamento – 20 min.

Afinal, qual (quem) é a razão profunda que me leva a ter fé? Como se chega a uma fé pessoal e convicta?

É na fé no Deus revelado, sobretudo em Cristo, que assenta o Cristianismo. A Fé é dom de Deus e resposta do homem: é um dom de Deus porque Deus toma sempre a iniciativa; e é resposta livre do homem, porque os crentes «fortificam-se acreditando» (S.to Agostinho).

«Crer em Deus, significa, não apenas aceitar como verdadeiro tudo o que Ele diz e faz, mas entregar-se, confiar-se a Ele, levado por aquilo que Ele diz e faz: pelo seu amor inexcedível, manifestado de tantos modos, particularmente no dom do seu Filho único, Jesus Cristo. Assim, é Ele quem está na origem da nossa entrega de fé, pelo que nos diz e pelo que nos faz. E esta entrega atinge tais dimensões, que Ele é quem passa a viver e

a amar em nós, que d'Ele, n'Ele e para Ele, vivemos. Deste modo, podemos exclamar com Paulo: *Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim.*

E a vida que agora tenho na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus que me amou e a si mesmo se entregou por mim (Gal 2, 20).

Deste modo, “a fé leva a uma transformação de vida, a uma «*metanóia*», ou seja, a uma profunda metamorfose da mente e do coração” que “se manifesta em todos os níveis da existência do cristão: na vida espiritual de adoração e de acolhimento da vontade divina; na participação activa na missão da Igreja; na vida matrimonial e familiar; no exercício da vida profissional; na realização das actividades económicas e sociais” (DGC 55). Se Deus está realmente em nós, nada do que somos e fazemos escapa ao poder do seu amor.

E é assim que dele damos testemunho: na medida em que Ele aparece, se revela, actua ao vivo, em nós. De tal modo que o que dele dizemos por palavras é apenas uma confirmação do que Ele mostra e oferece pelas nossas acções. E, deste modo, é realmente possível transmitir a fé... e conquistar o outro para ela. *Não eu – diria Paulo – mas a graça de Deus que está comigo.* E que bom seria também podermos dizer como ele: *E a graça que me foi concedida não foi estéril (1 Cor 15, 10)*» (*Guia do Catequista*, p. 95).

O cristão vive a fé nas suas 4 dimensões, em simultâneo, de forma completa: uma fé acreditada, celebrada, testemunhada e rezada.

- **A Fé que nos gloriamos de acreditar/professar:** a fé não pode ser algo apenas íntimo, tem de ser confessada e **professada publicamente:** *"todo aquele que se declare por mim diante os homens, também eu me declararei por ele diante do meu Pai que está nos céus"*(Mt 10,32). É **uma profissão pessoal** que o cristão faz em virtude da graça baptismal: uma profissão de fé recebida de Deus mediante a Igreja(cf LG 11). Desde o seu nascimento em Jerusalém, no dia de Pentecostes, a Igreja «persevera na escuta do ensino dos Apóstolos». Do anúncio, brota a fé quando o ouvinte da Palavra diz o seu sim a Deus. Ao longo dos séculos, muitos cristãos deram a vida para afirmarem a sua fé. A fé é um **valor imenso para a felicidade** e para a salvação em Jesus Cristo.

A fé professada é a fé que:

- **nos gloriamos de conhecer:** uma reflexão sobre a fé torna mais consciente a adesão a Cristo e ao Evangelho. Todo o cristão deve assumir o compromisso de descobrir de forma sempre renovada os conteúdos da fé professada, celebrada, vivida e rezada, e reflectir sobre o próprio acto com que se crê.
- **nos gloriamos de celebrar,** em especial na liturgia e naquela que é «a fonte e cume de toda a vida cristã», a Eucaristia.
- **nos gloriamos de viver e testemunhar,** a exemplo de S. Paulo que exclamava: «ai de mim se não evangelizar».

«Como sucede em cada família, a Igreja transmite aos seus filhos o conteúdo da sua memória. Como se deve fazer esta transmissão de modo que nada se perca, mas antes que tudo se aprofunde cada vez mais na herança da fé? É através da Tradição Apostólica, conservada na Igreja com a assistência do Espírito Santo, que temos contacto vivo com a memória fundadora. E aquilo que foi transmitido pelos Apóstolos, como afirma o Concílio Vaticano II, “abrange tudo quanto contribui para a vida santa do Povo de Deus e para o aumento da sua fé; e assim a Igreja, na sua doutrina, vida e culto, perpetua e transmite a todas as gerações tudo aquilo que ela é e tudo quanto acredita”(DV8).

De facto, a fé tem necessidade de um âmbito onde se possa testemunhar e comunicar, e que o mesmo seja adequado e proporcionado ao que se comunica. Para transmitir um conteúdo meramente doutrinal, uma ideia, talvez bastasse um livro ou a repetição de uma mensagem oral; mas aquilo que se comunica na Igreja, o que se transmite na sua Tradição viva é a luz nova que nasce do encontro com Deus vivo, uma luz que toca a pessoa no seu íntimo, no coração, envolvendo a sua mente, vontade e afectividade, abrindo-a a relações vivas na comunhão com Deus e com os outros. Para se transmitir tal plenitude, existe um meio especial que põe em jogo a pessoa inteira: corpo e espírito, interioridade e relações. Este meio são os sacramentos celebrados na liturgia da Igreja: neles se comunica uma memória encarnada, ligada aos lugares e épocas da vida, associada com todos os sentidos; neles, a pessoa é envolvida, como membro de um sujeito vivo, num tecido de relações comunitárias. Por isso, se é verdade que os sacramentos são os sacramentos da fé, há que afirmar também que a fé tem uma estrutura sacramental; o despertar da fé passa pelo despertar de um novo sentido sacramental na vida do homem e na existência cristã, mostrando como o visível e o material se abrem para o mistério do eterno» Francisco, Carta Encíclica *Luz da Fé*, nº 40).

O CREDO

Ser cristão é seguir Jesus Cristo, dizer-lhe sim com a inteligência e o coração. Assim como os discípulos deixavam tudo para seguirem Jesus, também nós nos tornamos discípulos se dissermos **um grande «Sim» a Jesus**.

Dizer «Sim» é o mesmo que dizer: “Eu creio”.

O “**Eu creio**” vive-se em comunidade, por isso, para dizer “eu creio”, tenho de lhe juntar “**nós cremos**” (ou acreditamos).

O modelo ideal de fé é **Abraão**, que acreditou num Deus único, mesmo quando todos à sua volta adoravam ídolos (imagens feitas pelo homem). Porém, a realização perfeita da fé acontece em **Maria**, Nossa Senhora (cf CIC 144), que disse o maior «SIM» a Deus e tornou possível a salvação da humanidade pelo nascimento de Jesus (ao mesmo tempo, Filho de Deus e verdadeiramente humano).

A fé é um **acto livre**, que consiste em confiar em Deus e aderir às verdades por Ele reveladas, contidas na Sagrada Escritura e na vida da Igreja (Tradição).

CREDO: **professar a fé**

O «Credo» é sinal da nossa identidade cristã. «O ‘Credo’ é um símbolo porque, ao recitarmos este texto, reconhecemo-nos cristãos e parceiros de todas as gerações cristãs que nos precederam. É a expressão de uma fé comum, da fé da Igreja, e, por isso, tem de ser devidamente respeitada por todos. Esta dimensão eclesial da fé exige uma linguagem comum, uma linguagem normativa para todos, que a todos une na mesma confissão de fé» (CIC 185).

DOMINGO: **o dia da fé**

«O domingo revela-se como o dia da fé por excelência. [...] O «Credo», recitado ou cantado, põe em relevo o carácter batismal e pascal do domingo, fazendo deste o dia em que, por título especial, o batizado renova a própria adesão a Cristo e ao seu Evangelho, numa consciência mais viva das promessas batismais» (João Paulo II, *Carta Apostólica sobre o Domingo*, nº 29).

CREDO: **símbolo da fé**

O «Credo» é designado símbolo da fé. Esta denominação está perfeitamente ajustada à origem etimológica da palavra, porque o símbolo, originalmente, era um objecto partido em dois, permitindo o reconhecimento entre as duas partes de um pacto, de um contrato. Cada parceiro conservava consigo uma metade desse objecto, e quando se juntavam as duas partes, podiam reconhecer-se ligados pelo pacto que anteriormente tinham assinado. O símbolo tem o valor do reconhecimento. Da mesma forma, o «Credo» é um símbolo porque, ao recitarmos este texto, reconhecemo-nos cristãos e parceiros de todas as gerações cristãs que nos precederam. É a expressão de uma fé comum, a fé da Igreja. Existem três fórmulas «oficiais» do «Credo».

«Nos primeiros séculos, os cristãos eram obrigados a aprender de memória o Credo. É que este servia-lhes de oração diária, para não esquecerem o compromisso assumido com o Baptismo» (Bento XVI, *A Porta da Fé*, 9)

«A profissão de fé

O símbolo divide-se, portanto, em três partes: “em primeiro lugar, trata da Primeira Pessoa divina e da obra admirável da criação; em segundo lugar, da Segunda pessoa divina e do mistério da redenção dos homens; finalmente, da terceira Pessoa divina, fonte e princípio da nossa santificação. (CIC 190)

Creio em Deus Pai

CREIO EM DEUS: A fé em Deus leva-nos a voltarmos para Ele só, como para Aquele que é a nossa primeira origem e o nosso último fim, e a nada lhe preferir nem o substituir por nada. (CIC229)

O PAI: a encarnação do Filho de Deus revela que Deus é o Pai eterno, e que o Filho é consubstancial ao Pai, quer dizer que n'Ele e com Ele é o mesmo e único Deus. (CIC262)

O TODO-PODEROSO: Fiel ao testemunho da Escritura, a Igreja dirige muitas vezes a sua oração ao “Deus todo-poderoso e eterno” crendo firmemente que “a Deus nada é impossível”. (CIC276)

O CRIADOR: Deus, criador do Universo, sustém-no na existência pelo seu Verbo; “o Filho tudo sustenta com a sua palavra poderosa e pelo seu Espírito criador que dá a vida”. (CIC 320)

O CÉU E A TERRA: os anjos assistem a Cristo, seu Senhor. Servem-n'Os de modo particular no cumprimento da sua missão salvífica em relação aos homens. (CIC 351)

O HOMEM: Formaste o homem à vossa imagem e lhe confiaste o Universo, para que, servindo-Vos unicamente a Vós, seu criador, exercesse domínio sobre todas as criaturas. (CIC 382)

A QUEDA: Segundo a fé dos cristãos, este mundo foi criado e continua conservado pelo amor de Cristo; é verdade que caiu sob a escravidão do pecado, mas Cristo, pela Cruz e Ressurreição, venceu o poder do maligno e libertou-o. (CIC 421)

Creio em Jesus Cristo, Filho único de Deus

O FILHO DE DEUS FEZ-SE HOMEM: No tempo estabelecido por Deus, o Filho Unigénito do Pai, a Palavra eterna, isto é, o Verbo e imagem substancial do Pai, encarnou. Sem perder a natureza divina, assumiu a natureza humana. (CIC 479)

CONCEBIDO PELO ESPÍRITO SANTO, NASCIO DA VIRGEM MARIA: Maria é verdadeiramente ‘Mãe de Deus’, pois é a Mãe do Filho eterno de Deus feito homem, o qual também é Deus. (CIC 509)

OS MISTÉRIOS DA VIDA DE CRISTO: Toda a vida de Cristo foi um contínuo ensinamento: os seus silêncios, os seus milagres, as suas atitudes, a sua oração, o seu amor pelo homem, a sua predileção pelos pequenos e pobres, a aceitação do sacrifício total na cruz pela redenção do mundo, a sua Ressurreição. (CIC 561)

JESUS E ISRAEL: Jesus não aboliu a Lei do Sinai, mas cumpriu-a com tal perfeição que lhe revelou o sentido último e resgatou as transgressões contra ela cometidas. (CIC 592)

JESUS MORREU CRUCIFICADO: Nisto consiste a redenção de Cristo: Ele ‘veio dar a sua vida em resgate pela multidão’, quer dizer, ‘amar os seus até ao fim’. (CIC 622)

JESUS FOI SEPULTADO: Para beneplácito de todos os homens, Jesus experimentou a morte. Foi, de verdade, o Filho de Deus feito homem que morreu e foi sepultado. (CIC 629)

CRISTO DESCEU AOS INFERNOS: Cristo morto, na sua alma unida à pessoa divina, desceu à morada dos mortos. E abriu aos justos, que O tinham precedido, as portas do Céu. (CIC 637)

AO TERCEIRO DIA RESSUSCITOU DOS MORTOS: A fé na Ressurreição tem por objecto um acontecimento, ao mesmo tempo historicamente testemunhado pelos discípulos e misteriosamente transcendente, enquanto entrada da humanidade de Cristo na glória de Deus. (CIC 656)

JESUS SUBIU AOS CÉUS: A ascensão de Cristo marca a entrada definitiva da humanidade de Jesus no domínio celeste de Deus, de onde há-de voltar, mas que, entretanto, O oculta aos olhos dos homens. (CIC 665)

JESUS JULGARÁ OS VIVOS E OS MORTOS: No dia do Juízo, quando no fim do mundo, Cristo virá na sua glória para completar o triunfo definitivo do bem sobre o mal, os quais, como o trigo e o joio, terão crescido juntos no decurso da história. (CIC 681)

Creio no Espírito Santo

A MISSÃO CONJUNTA DO FILHO E DO ESPÍRITO: Desde o princípio até à consumação do tempo, quando Deus envia o seu Filho, envia sempre o seu Espírito: a missão dos dois é conjunta e inseparável. (CIC 743)

A IGREJA NO DESÍGNIO DE DEUS: A Igreja é, neste mundo, o sacramento da salvação, sinal e instrumento da comunhão de Deus e dos homens. (CIC 780)

A IGREJA – POVO DE DEUS, CORPO DE CRISTO, TEMPLO DO ESPÍRITO SANTO: A Igreja universal aparece, assim, como um ‘povo que vai buscar a sua unidade à unidade do Pai e do Filho e do espírito Santo. (CIC 810)

A IGREJA É UNA, SANTA, CATÓLICA E APOSTÓLICA: A única Igreja de Cristo (...) é na Igreja Católica que existe, governada pelo sucessor de Pedro e pelos bispos que estão em comunhão com ele, embora numerosos elementos de santificação e de verdade subsistam também fora das suas estruturas. (CIC 870)

OS FIEIS DE CRISTO: Para anunciar a fé e implementar o Reino, Cristo envia os Apóstolos e respectivos sucessores. Fá-los participantes da sua missão. É d’Ele que uns e outros recebem o poder de agir em seu nome. (CIC 935)

A COMUNHÃO DOS SANTOS: Nós cremos na comunhão de todos os fiéis de Cristo (...) e cremos que, nesta comunhão, o amor misericordioso de Deus e dos seus santos está sempre atento às nossas orações. (CIC 962)

Maria, mãe de Cristo e da Igreja: Nós cremos que a santíssima Mãe de Deus, a nova Eva, a Mãe da Igreja, continua no Céu o seu papel maternal, em relação aos membros de Cristo. (CIC 975)

REMISSÃO DOS PECADOS: Por vontade de Cristo, a Igreja possui o poder de perdoar os pecados dos baptizados e exerce-o através dos bispos e dos sacerdotes, de modo habitual no sacramento da Penitencia. (CIC 968)

RESSURREIÇÃO DA CARNE: Pela morte, a alma é separada do corpo; mas, na ressurreição, Deus restituirá a vida incorruptível ao nosso corpo transformado, unindo-o à nossa alma. Tal como Cristo ressuscitou e vive para sempre, todos nós ressuscitaremos no último dia. (CIC 1016)

Vida eterna: Nós cremos que as almas de todos os que morrem na graça de Cristo formam o povo de Deus no além da morte, a qual será definitivamente vencida no dia da ressurreição, quando aquelas almas forem reunidas aos seus corpos. (CIC 1052)» (Paulo Costa, *Guia prático do Cristianismo, Coordenadas para (re)descobrir o caminho da Fé*, ed. Salesianas, Porto 2012, pp.23-27).

ILUMINADOS PELA PALAVRA

Leitura bíblica e reflexão, com a possibilidade dos participantes fazerem a sua partilha – 15 min.

Lê-se **Act 2, 14-42**

«A fé da Igreja»

É assim que o ministro do Baptismo, na sua celebração, reage à renúncia e profissão de fé da parte dos catecúmenos, ou no caso das crianças, dos pais e padrinhos: “Esta é a nossa fé. Esta é a fé da Igreja que nos gloriamos de professar, em Jesus Cristo, Nosso Senhor”. Trata-se da fé “em Deus, Pai todo-poderoso”..., “em Jesus Cristo, seu único Filho, Nosso Senhor”... e “no Espírito Santo”... como resposta à leitura da Palavra de Deus. O seu anúncio “ilumina com a verdade revelada os candidatos e a assembleia e suscita a resposta da fé, inseparável do Baptismo. Na verdade, o Baptismo é, de modo particular, o «sacramento da fé», uma vez que é a entrada sacramental na vida da fé” (CIC 1236).

Nesse sentido, “a primeira ‘profissão de fé’ faz-se por ocasião do Baptismo. O ‘símbolo da fé’ (o sumário das principais verdades da fé) é, antes de mais, o símbolo baptismal. E uma vez que o Baptismo é conferido “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28, 19), as verdades da fé professadas por ocasião do Baptismo articulam-se segundo a sua referência às três pessoas da Santíssima Trindade” (CIC 189).

Este esquema celebrativo remonta aos primórdios da Igreja. Encontramo-lo já em **Act 2, 14-42**, na manhã do Pentecostes. À multidão reunida em Jerusalém Pedro, “embriagado” do Espírito Santo, explica a origem do milagre das línguas que todos presenciaram: *Foi este Jesus que Deus ressuscitou, e disto nós somos testemunhas. Tendo sido elevado pelo poder de Deus, recebeu o Espírito Santo prometido e derramou-o como vedes e ouvis* (vv. 32-33). E termina o seu discurso com o anúncio: *Saiba toda a casa de Israel, com absoluta certeza, que Deus estabeleceu como Senhor e Messias a esse Jesus por vós crucificado* (v. 36). Isto é, com a vitória sobre a própria morte, Jesus adquiriu, para sempre e para com todos, o poder de *Senhor e Messias* de Deus, já manifestado durante a sua vida pública.

Os primeiros sinais da fé nos ouvintes manifestam-se na emoção *até ao fundo do coração* e na pergunta a Pedro e aos outros Apóstolos: “*Que havemos de fazer,*

irmãos? Pedro respondeu-lhes: “Convertei-vos e peça cada um o Baptismo em nome de Jesus Cristo, para o perdão dos pecados; recebereis, então, o dom do Espírito Santo.” (...) Os que aceitaram a sua palavra receberam o Baptismo e, naquele dia, juntaram-se a eles cerca de três mil pessoas (vv. 37-38.41).

Nascia assim a primeira Igreja, cujos membros *eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão e às orações* (v. 42). Nascia da fé no Evangelho escutado que, por isso mesmo, se chama “a fé da Igreja”: é dela que a Igreja vive, ou melhor, daquele em quem acredita e que, pela purificação dos pecados e a acção do Espírito, une os seus membros naquela comunhão fraterna e com Deus que é já princípio de vida eterna. Uma fé que eles passam a transmitir» (Guia Catequista, pp. 94-95) pelo testemunho de vida.

Antes da oração final, o(a) Animador(a) dá sugestões para no *Diálogo em Família*, para os pais reflectirem com os seus filhos sobre o significado da *Celebração da Luz*.

II. Catequese das crianças

Eu creio que sois Cristo. «Esta é a nossa Fé»

Após o acolhimento e o diálogo sobre a conversa em família, o(a) catequista faz a catequese, sintetizando as catequeses 4 («*Eu creio que sois Cristo*») e 5 («*Esta é a nossa Fé*»). Desta forma, as crianças guardarão na memória e no coração que Jesus é o Cristo e o desejo de ser Seu amigo, assim como a forma de professar a nossa fé é dizendo o *Credo*.

Neste encontro já se preparam as crianças para a *Celebração da Luz*, apesar de em casa, conversarem sobre ela com os pais.

3ª Semana

Diálogo em família

Acompanhar a explicação com a apresentação do Guia dos Pais nas páginas 41 a 54.

É uma ocasião propícia para procurar as velas do baptismo, quer dos pais quer dos filhos, e em família fazer-se uma partilha sobre a importância e a necessidade da luz na nossa vida: a luz natural é necessária para vivermos, influencia o nosso viver; mas Cristo é essa outra Luz que ilumina e é necessário para uma vida com sentido; finalmente, iluminados por Cristo, a Luz da Vida, a nossa vida deve irradiar e ser a luz de Cristo.

A partir do Guia de Pais, a família prepara e reflecte nos momentos e simbologia da celebração da Luz.

4ª Semana

Domingo em família

Celebração da Luz

I. Encontro de Pais

Celebração da Luz

Antes da celebração, o(a) Animador(a) faz um breve encontro com os pais, onde acerta com eles todos os pormenores para a celebração. Dá sugestões para o diálogo em família na semana seguinte e entrega uma folhinha com sugestões práticas para a vivência do tempo do Advento.

Depois reúnem-se com o grupo das crianças e preparam-se para a celebração.

«SUGESTÕES PRÁTICAS PARA O TEMPO DO ADVENTO

- **Prioridade da Palavra de Deus** que nos vai orientando dia-a-dia para o mistério.
 - Coloca-a num *lugar destacado* da casa, talvez no local onde depois vais fazer o presépio.
 - Nestes dias, quando deres o beijo de despedida aos teus filhos ou quando rezares com eles, sugiro-te duas coisas: Uma *fácil*: *dar um beijo na Bíblia* aberta nos primeiros capítulos de S. Lucas que é o que mais fala sobre o nascimento de Jesus. Outra um pouco mais *difícil*: *ler uns versículos de Lucas* ou do *Evangelho do dia*. Inclui na lista de presentes de Natal tarjetas (cartões) ou marcadores com pensamentos recolhidos do Evangelho de cada dia com uma breve reflexão. Há a vender no mercado.
- **A oração como ressonância da leitura da Palavra.** Momentos especiais de oração: a manhã, a noite, os Domingos...
- **Retiros ou momentos especiais** de conversão, de encontro com os irmãos da comunidade para escutar o Senhor. Assistir a alguma das propostas de Advento que se faz na tua comunidade.
- **Celebração do Sacramento da Penitência**, como resultado de uma escuta da Palavra que nos interpela e nos convida a pedir perdão, a mudar a nossa vida para acolher e arranjar um lugar para o Senhor que vem...

• **Gestos de caridade e de acolhimento do outro.**

- Nunca nos enganamos quando acolhemos. No acolher do outro vai o acolhimento a Deus que é um “acampado” ao nosso lado.
- Se deres alguma coisa, não o faças “para descargo de consciência”, mas dá de coração. Não dê do que te sobeja, dá algo de que te privas... Compra um dia carne, produtos de menor qualidade e dá... Deus vê, não o que dás, mas o coração com que dá.

• **Os adornos tradicionais** vividos não só como “enfeites da casa”, mas como sinais pedagógicos que nos fazem penetrar no Natal: preparação a longo prazo, aos poucos, do “nascimento ou presépio ou mistério”; a coroa do Advento que nos recorda a espera da luz acendida progressivamente como é lento o caminhar para a luz.

- Não faças o presépio de uma só vez, fá-lo a partir de hoje, aos poucos, fazendo *esperar* as coisas, dando sentido ao que colocas, lendo na Bíblia as cenas representadas...
- Da mesma maneira com a árvore de Natal e os demais enfeites.
- Deixa para o fim a colocação do Menino Jesus. É bonito coloca-lo na ceia de consoada, com uma oração que sirva de bênção da mesa...».

(Álvaro Ginel, *Os Domingos do Advento*, ed. Salesianas, Porto 2010, pp. 7-8)

CELEBRAÇÃO DA LUZ

OBJECTIVOS

- Reviver o próprio Baptismo na comunidade cristã;
- Reconhecer que Cristo é a luz da vida;
- Saborear e celebrar a alegria de ser de Cristo pela luz da fé;

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Esta celebração é um dos auges das catequeses anteriores: depois da adesão de fé a Cristo, a exemplo e pelo testemunho dos Apóstolos, as crianças são levadas a reviver a sua fé, na comunhão da comunidade cristã a que pertencem desde o Baptismo e que vive da mesma fé. Daí a importância da dimensão comunitária da celebração.
2. Não se pense que as crianças são demasiado novas, para entender tudo o que fazem e dizem. O seu processo da fé nunca está acabado, e Aquele em quem acreditam ultrapassa sempre as capacidades humanas de compreensão conceptual, seja qual for a idade em que o crente se encontre.
3. Por isso se privilegia o símbolo. No caso presente, é o das trevas e da luz a que as crianças são particularmente sensíveis. A seu modo, apercebem-se já de que, sem Deus, não conseguem viver na luz e no calor do amor, fundamentais para a vida e que o símbolo em causa tão bem pode transmitir.

4. A participação dos pais e padrinhos do Baptismo acaba por reverter em favor deles próprios. Não será por acaso que agora os papéis se vão inverter: tendo transmitido a fé aos filhos e afilhados, será destes que, nesta celebração, recebem a chama da fé. Este é, de resto, um fenómeno cada vez mais frequente: pelos filhos é que muitos pais (re)encontram o caminho para Deus e a sua Igreja.

MATERIAIS

- Os necessários para a habitual celebração da Eucaristia;
- Círio pascal;
- Velas baptismas das crianças;
- Velas para os restantes participantes na celebração;

MÚSICAS

- “Cristo Jesus, Tu me chamaste”;
- “Glória ao Senhor” (Frei Fabretti);
- “A vossa Palavra, Senhor” (M. Simões);
- “Aleluia, Glória ao Senhor”;
- “Senhor Jesus, Tu és a luz” (estrofes próprias);
- “Sou de Cristo, sou feliz”;
- Jesus Cristo é Senhor”;
- “Jesus Cristo és meu amigo”.

LUGAR DA CELEBRAÇÃO

– **1ª opção:** A igreja paroquial, onde existe pia baptismal e habitualmente se celebra o Baptismo. Mesmo que na paróquia haja catequese noutros lugares, todos os grupos deste terceiro ano se devem concentrar na igreja mãe, se possível, na mesma celebração.

– **2ª Opção:** No caso de a igreja paroquial ser de todo impossível, escolha-se uma igreja onde habitualmente haja culto, nomeadamente ao Domingo, a igreja frequentada pelas crianças.

– Só, como **3ª opção**, se escolha outro lugar, que pode ser a sala da catequese, se nela couberem pelo menos os pais, familiares e padrinhos das crianças, isto é, onde se possa reunir parte da Igreja a que as crianças pertencem pelo Baptismo. Se for esta a opção tomada, adapte-se o esquema e as palavras sugeridas no desenvolvimento da celebração e prepare-se devidamente o espaço para se conseguir alguma solenidade e beleza.

DIA E HORA DA CELEBRAÇÃO

– Se possível, seja integrada na missa dominical (ou celebração da Palavra) de Sábado ou Domingo à noite, isto é, a uma hora em que seja fácil fazer escuridão e passar dela para a luz, conforme se indica no esquema da celebração.

– Se esta se realizar a outra hora, procure-se pelo menos que, na altura indicada, haja o máximo de escuridão. Para isso, fechem-se as janelas, se possível, e realizem-se os ritos iniciais apenas com as luzes do lugar acesas.

PARTICIPANTES NA CELEBRAÇÃO

– Além das crianças, pais, familiares e padrinhos, é importante a presença da restante comunidade cristã, da qual, como se disse, as crianças fazem parte desde o seu Baptismo.

– Se o grupo tiver crianças não baptizadas, também elas devem participar, mas, naturalmente, sem vela baptismal. Receberão apenas uma vela, na mesma altura e do mesmo modo que os restantes participantes.

– Na igreja, reservem-se os lugares da frente para as crianças do grupo já baptizadas, a seguir para as não baptizadas e, depois, para os pais e padrinhos.

ESQUEMA DA CELEBRAÇÃO

– As crianças que fazem a renovação da fé baptismal, podem incorporar-se no cortejo da entrada. Se não forem muitas, podem ser chamadas pelo seu nome, a seguir à saudação inicial do Presidente. De qualquer modo, serão apresentadas à assembleia. Como acto penitencial, sugere-se a aspersão da assembleia, em memória do Baptismo, que pode também ser feita depois da profissão de fé (como na Vigília Pascal).

– No final dos ritos iniciais (com a oração-colecta) e imediatamente depois de todos se sentarem, a igreja deve entrar repentinamente numa escuridão total. Para isso, nem sequer as velas do altar (e outras) devem ter sido acendidas. Sê-lo-ão a seu tempo. A escuridão deverá ser feita de modo inesperado. Só assim terá o desejado impacto nas crianças. Para isso, a pessoa encarregada das luzes da igreja, faça-o com muita discrição.

Só depois da profissão de fé, a igreja terá o máximo da sua iluminação.

– Depois de introduzida pelo Presidente da celebração, a 1ª leitura deve ser feita ainda com a igreja às escuras. Apenas o leccionário com a leitura, é iluminado e apenas o suficiente para se poder ler, tal como o salmo responsorial que se lhe segue.

– Na 3ª estrofe do salmo responsorial, surge, ou do fundo da igreja ou da capela baptismal, o círio aceso seguido do Evangeliário (ou leccionário) em procissão até à frente do altar.

Aí, os seus portadores voltam-se para a assembleia que, de pé, aclama o Evangelho com o canto do Aleluia. O Evangelho é lido do ambão, mas só (tanto quanto possível) à luz do círio. No final, pode cantar-se de novo o Aleluia, enquanto o círio é colocado no seu pedestal, situado num lugar de relevo.

– Como é aconselhável nas missas com crianças, faça-se apenas uma leitura e o Evangelho.

De acordo com o tema da celebração, propõe-se, como leitura, a de 1 Jo 2, 9-11 e, como Evangelho, o de Jo 8, 12; 12, 35-36. Pode também ler-se o Evangelho do dia que, porém, deverá ser adaptado ao tema. Por isso, pelo menos na homilia, faça-se uma alusão ao texto proposto como evangelho. Este, se se proporcionar, pode ser proclamado por mais do que um leitor.

– Depois de uma brevíssima homilia, o Presidente pega no círio, levanta-o e canta: “Eis a luz de Cristo” (melodia da vigília Pascal). Depois coloca-o à altura das crianças para que nele possam acender as suas velas baptismais. Depois da última, o círio é colocado de novo no seu lugar e o celebrante convida as crianças a acender as velas dos pais e padrinhos e, depois, da restante assembleia.

– Segue-se a profissão de fé. Nas respostas: “sim, creio” as pessoas podem levantar as velas. Só no final da profissão de fé são acendidas as velas do altar e todas as luzes da igreja. Pode também fazer-se, nesta altura, a aspensão da assembleia. As velas das pessoas serão apagadas a seguir à oração dos fiéis.

I. RITOS INICIAIS

1. Cortejo de entrada

Como o habitual, mas, se possível, com as crianças que fazem a profissão de fé nele integradas.

2. Cântico de entrada

“Cristo Jesus, Tu me chamaste” *ou*

“Senhor, Tu nos chamaste”

3. Saudação e acolhimento

Presidente:

Em nome do Pai...

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco.

Assembleia:

Bendito seja Deus, que nos reuniu no amor de Cristo.

Presidente:

Meninos e meninas, repararam bem no que acabaram de cantar?...

Jesus chamou por nós e cada um respondeu como?... Estou aqui.

Sabem quando é que Jesus chamou pela primeira vez pelo nosso nome?... No dia do nosso Baptismo (aqueles que já foram baptizados).

Na altura quem respondeu foram os vossos pais. Hoje sois vós. Querem voltar a dizê-lo?

(Se não forem muitas as crianças, o Presidente pode chamar cada uma pelo seu nome, a que cada uma responde: “Estou aqui”. Se forem muitas, a resposta é dada por todas, ao mesmo tempo)

Responderam muito bem. Porque hoje, juntamente com todas estas pessoas, vão reviver o vosso Baptismo: o dia em que ficaram a ser de Jesus Cristo e a pertencer à Igreja, aqui presente. Vai ser, de certeza, uma celebração muito bela.

4. Rito penitencial - Aspersão da água benta, Formulário II-b

Presidente:

Para isso, e para nos lembrarmos melhor do Baptismo em que fomos purificados dos nossos pecados, iremos ser aspergidos com água, que vou benzer. No final de cada pequena oração todos devem responder: “*Glória a vós, Senhor*”. Não se esquecem?

Presidente:

**Deus, Pai Santo, que do Cordeiro imolado na cruz
fizestes brotar as fontes da água viva,**

Assembleia:

Glória a vós, Senhor,

Presidente:

**Cristo, que renovais a juventude da Igreja
no Baptismo da água e na palavra da vida,**

Assembleia:

Glória a vós, Senhor.

Presidente:

**Espírito Santo, que das águas do Baptismo
nos fazeis surgir como primícias da nova humanidade**

Assembleia:

Glória a vós, Senhor.

Presidente:

**Deus onnipotente,
que nos sinais sagrados da nossa fé
renovais os prodígios da criação e da redenção
abençoi (...) esta água
e dai a todos os que renasceram no Baptismo
a graça de serem anunciadores e testemunhas da Páscoa
que se renova na vossa Igreja.
Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho,
que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo.**

Assembleia:

Amen.

Cântico (*durante a aspersão*)

“Cristo Jesus, Tu me chamaste” (refrão e 4ª estrofe) ou
“Cantai, o Senhor é bom” (refrão e 2ª estrofe)

Presidente (no final da aspersão):

**Deus onipotente nos purifique do pecado
e, pela participação na Eucaristia,
nos torne dignos de participar na mesa do seu Reino.**

5. Glória

Recitado ou

“Glória ao Senhor” (Frei Fabretti) (*Pode acompanhar-se com palmas ritmadas*)

6. Oração – Colecta (do dia)

Depois de a assembleia se sentar, apagam-se repentinamente todas as luzes

II. LITURGIA DA PALAVRA

1. Introdução à 1ª leitura

Presidente:

Não tenham medo. Fiquem calmos. Não, esta falta de luz não foi por avaria.

Eu sei que muitos meninos, e até pessoas crescidas, não são capazes de estar com a luz apagada. Têm medo do escuro. Porque será?

É que no escuro não nos podemos ver uns aos outros, como nos víamos há pouco. Nem podemos ver as coisas. Nem vemos para onde vamos...

Ir, por exemplo, numa estrada, sem saber por onde se vai, sem luz... é muito perigoso, não acham? Se não vemos os outros, podemos prejudicá-los ou magoá-los.

E, sem os ver, poderemos mesmo gostar deles?

E quem não ama os outros, não será como andar na escuridão?

Senão, ouçam bem o que agora, mesmo às escuras, vai ser lido para nós.

2. Leitura (1Jo 2, 9-11)

Leitura da primeira Epístola de São João

Caríssimos:

**Quem diz que está na luz e odeia o seu irmão,
ainda se encontra nas trevas.**

**Quem ama o seu irmão,
permanece na luz
e não há nele ocasião de pecado.**

**Mas quem odeia o seu irmão, encontra-se nas trevas,
caminha nas trevas e não sabe para onde vai,
porque as trevas lhe cegaram os olhos.**

Palavra do Senhor.

3. Salmo responsorial

“A vossa Palavra, Senhor” (1ª, 2ª e 3ª estrofes)

No início da 3ª estrofe, parte, do fundo da igreja ou da capela baptismal, o cortejo com o Círio Pascal aceso e o Evangeliário, até junto do altar-mor. Voltados para a Assembleia, faz-se a:

4. Aclamação do Evangelho

“Aleluia. Glória ao Senhor” (Refrão e estrofe: **“Glória ao Senhor, nossa luz”**)

5. Evangelho (do dia, sobretudo se se adaptar ao tema, ou Jo 8, 12; 12, 35-36)

Sacerdote (ou diácono):

O Senhor esteja convosco...

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João.

Leitor:

Naquele tempo,

Disse Jesus:

Sacerdote(ou diácono):

Eu sou a luz do mundo.

Quem me segue

não anda nas trevas,

mas terá a luz da vida.

Leitor:

E Jesus disse ainda:

Sacerdote (ou diácono):

A luz ainda estará no meio de vós, por pouco tempo.

Caminhai enquanto tendes luz,

para que as trevas não vos surpreendam.

Quem caminha nas trevas não sabe para onde vai.

Enquanto tendes luz, acreditai na luz,

para que sejais filhos da luz.

Palavra da salvação.

6. Homilia *(a adaptar às circunstâncias)*

Digam-me: já conseguem ver-se uns aos outros?... Eu consigo vê-los muito bem!

E de onde vem a luz para isso?

Desta vela grande. Pelo menos, é uma boa ajuda.

E como se chama esta vela acesa? – o círio pascal.

Chama-se assim, porque foi benzida e acendida pela primeira vez na noite de Páscoa.

E que celebramos nós nessa noite? - A ressurreição de Cristo. Jesus venceu a morte, porque deu a vida por nós.

Digam-me cá: haverá maior prova de amor do que dar a vida pelos amigos?

Ninguém nos ama tanto como Jesus. Por isso é que Ele nos disse ... Lembrem-se? –

Eu sou a luz do mundo. Porque vos amo e amo todas as pessoas do mundo, consigo vê-las com os olhos do coração.

E que acontece a quem ama como Ele? – Vê os outros com um amor como o dele, com os olhos do coração.

Por isso Jesus nos convidou: “Acreditai na luz, para que sejais filhos da luz”.

Estais dispostos a acreditar em Jesus?...

Então, vinde acender as vossas velas: as mesmas que foram acendidas pela primeira vez no dia do vosso Baptismo. E também, então, num círio pascal como este.

Ao acenderdes as velas estais a receber a luz do amor de Jesus... para todos nos vermos melhor uns aos outros e nos amarmos como Ele nos ama.

7. Acendimento das velas

Presidente (depois de pegar no círio, com ele levantado, proclama ou canta:)

Eis a luz de Cristo.

Assembleia (cantando:)

Graças a Deus.

Enquanto as crianças se aproximam e acendem as suas velas no círio pascal, cante-se o cântico:

“Senhor Jesus, Tu és a luz” *(estrofes – Documento 1)*

Presidente (depois de todas as crianças acenderem as velas:)

Quando fostes baptizados, foram os vossos pais e padrinhos que acenderam as velas que tendes na mão. Hoje sois vós que acendeis as deles.

Enquanto as crianças acendem as velas, primeiro dos pais e padrinhos e, depois, da restante assembleia, cante-se o mesmo cântico:

“Senhor Jesus, Tu és a luz” *(estrofes - Documento 1)*

8. Profissão de fé

Presidente:

Com a luz de Cristo a iluminar o nosso coração e a iluminar-nos uns aos outros, manifestai a vossa fé, como fizeram os vossos pais e padrinhos no vosso Baptismo. Não vos esqueçais de levantar as velas quando disserdes: “sim, renuncio” ou “sim, creio”.
Respondei então:

**Renunciais às tentações do mal,
para que o pecado não vos escravize?**

Assembleia:

Sim, renuncio.

Presidente:

**Credes em Deus,
Pai todo poderoso,
criador do céu e da terra?**

Assembleia:

Sim, creio.

Presidente:

**Credes em Jesus Cristo,
Seu único Filho, nosso Senhor,
que nasceu da Virgem Maria,
padeceu e foi sepultado,
ressuscitou dos mortos
e está à direita do Pai?**

Assembleia:

Sim, creio.

Presidente:

**Credes no Espírito Santo,
na Santa Igreja Católica,
na comunhão dos Santos,
na remissão dos pecados
na ressurreição da carne
e na vida eterna?**

Assembleia:

Sim, creio.

Presidente:

**Esta é a nossa fé.
Esta é a fé da Igreja**

**que nos gloriamos de professar
em Jesus Cristo Nosso Senhor.**

Assembleia:

Amen.

Presidente:

Que alegria, que felicidade sermos de Cristo, que nos ilumina pela fé que professámos!
Cantemos com alegria:

“Sou de Cristo, sou feliz” (*estrofes 1-4*).

Acendem-se todas as luzes da Igreja e as velas do altar.

Se achar oportuno, o Presidente asperge a Assembleia com água benta.

9. Oração dos fiéis

Presidente:

Irmãos e irmãs, invoquemos a misericórdia e a graça de Deus para estas crianças e para todos nós que, hoje, aqui revivemos o grande dia do nosso Baptismo. E digamos:

“Senhor, dai-nos a vossa luz.”

Leitor(es):

**– Para que estas crianças
se deixem cativar por Jesus Cristo
e vivam como seus discípulos
à semelhança dos primeiros Apóstolos,
oremos ao Deus da luz e da vida.**

**– Para que estas crianças
vivam cada vez mais como filhos da luz
e assim testemunhem o Evangelho
pela palavra e pela vida,
oremos ao Deus da luz e da vida.**

**– Para que os pais e padrinhos destas crianças
vivam sempre como filhos de Deus
e possam ser para elas
exemplo de fé e de amor,
oremos ao Deus do amor e da vida.**

– Para que todos nós aqui presentes

**nos deixemos guiar, cada vez mais,
pela luz e o amor de Cristo,
para ajudarmos os outros a caminhar para Deus,
oremos ao Deus do amor e da vida.**

Presidente:

**Senhor, nosso Deus e nosso Pai,
concedei-nos os dons que vos pedimos
para podermos levar ao mundo a luz
de Jesus Cristo, Nosso Senhor.**

Se houver crianças capazes de ler bem, as preces da oração dos fiéis podem ser proferidas por elas. Neste caso, façam-se as devidas adaptações no texto.

III. LITURGIA EUCARÍSTICA

1. Cântico da apresentação dos dons

“Jesus Cristo é Senhor”

2. Oração Eucarística

Uma das missas com crianças

3. Ritos da comunhão

– **Pai Nosso** (*de mãos dadas e levantadas*)

– **Cântico da comunhão:**

“Jesus Cristo, és meu amigo”

IV. RITOS FINAIS

Cântico final

“Sou de Cristo, sou feliz” (*estrofes 1-2 e 7-8*)

*No catecismo,
para recordar a celebração da Festa da Luz:*

Na página 30 do catecismo, reler a Leitura da Primeira Carta de S. João.

Na página 31 do catecismo, completar os textos relativos ao cântico “Sou de Cristo,

sou feliz”.

Na página 32 do catecismo, observar as imagens que ilustram as palavras de Jesus escutadas durante a leitura do Evangelho de S. João e que resumem a mensagem central da Celebração da Luz: “Eu sou a luz do mundo”.

DOCUMENTO 1

Estrofes para o cântico:

Senhor Jesus, Tu és a luz,
És quem nos traz o amor e a paz.

1. Para vivermos na luz
queremos seguir Jesus.

2. Jesus nos fala de Deus
que fez a terra e os céus.

3. És a Palavra divina
que a todos nos ilumina.

4. Tu és o Cristo Senhor
de todos o Salvador.

5. Na dor és o nosso alento
na fome o nosso alimento.

6. Na luta contra o pecado
tenho Jesus a meu lado.

7. Com Cristo amo o irmão
de todo o meu coração.

II. Catequese das crianças

Celebração da Luz

As crianças encontram-se com o(a) catequista que, numa sessão breve, faz com as crianças a ressonância do *Diálogo em Família* sobre a Celebração da Luz e prepara as crianças para a mesma celebração.

Depois reúnem-se com os pais e padrinhos e com as outras crianças e preparam-se para a celebração.

3ª Etapa

Em família preparamos e celebramos o Natal

Ao longo desta etapa, a família vive uma preparação particularmente intensa para a celebração do Natal. Para além do presépio, o símbolo da luz será um dos fios condutores destas catequeses, não só por, nesta época do ano, ser mais fácil de aprender e compreender, como também por ter vindo a ser explorado nas catequeses anteriores. A chama da fé, no seguimento de Cristo e a partir do Baptismo, mantém-se viva e contagiante no coração da família e condu-la até à celebração do seu nascimento.

Objectivos:

Ao longo desta etapa, a família, na expectativa do Natal, vai viver e reflectir sobre o tempo litúrgico do Advento; acolher as figuras de João Baptista e o seu convite à conversão, de S. José como pai adoptivo de Jesus, de Maria como a Mãe de Jesus, o Filho de Deus; comprometer-se em acções expressivas de conversão, como reforçar o compromisso da partilha natalícia; preparar a celebrar o Natal.

Leitura integrada:

No guia do catequista «Queremos seguir Jesus», pp. 123-187.

No Catecismo da Criança «Queremos seguir Jesus», pp. 33-48.

Semana	Pais (na paróquia)	Filhos (na paróquia)	Família (em casa)
Dezembro			
1 ^a			<i>Preparamos o caminho do Senhor</i>
2 ^a	<i>O Ano Litúrgico e os seus tempos</i> <i>O Advento e o Presépio</i> Sugestões para o diálogo em família	Síntese do diálogo em família <i>Preparamos o caminho do Senhor com José e Maria</i>	
3 ^a			<i>No presépio, José e Maria</i>
4 ^a (dia30) Domingo em família A família na família cristã vivendo o Dia do Senhor	<i>Um menino nasceu para nós</i> Sugestões para o diálogo em família	Síntese do diálogo em família. <i>Um menino nasceu para nós</i>	
<i>Celebração de Natal</i>			

1^a Semana

Díálogo em família

Acompanhar a explicação com a apresentação do Guia dos Pais nas páginas 55 a 60.

Ao longo da semana, os pais vão falar com os filhos sobre o Advento como o tempo de preparação para a celebração do Natal do Senhor.

O(a) Animador(a) deve lembrar aos pais para que, caso ainda não o tenham feito, preparem devidamente o «lugar especial» de casa, onde preside a Palavra de Deus, para aí construírem o presépio. Durante este período, a família deverá rezar mais vezes perante a Palavra de Deus e, na proximidade do Natal, ler em conjunto as passagens do Evangelho que narram o nascimento de Jesus.

Um dos símbolos fortes a construir e que marca a caminhada do Advento é a *Coroa do Advento* (tal como propõe o *Guia dos Pais*), onde cada semana se acende uma vela, a luz da fé que nos conduz para a Luz.

2º Semana Na paróquia

I. Encontro de Pais:

O Ano Litúrgico e os seus tempos. O Advento e o presépio

EXPERIÊNCIA HUMANA

Trabalho em pequenos grupos – 20 min.

Em pequenos grupos, incentivar os pais a reflectir sobre o Ano Litúrgico, seus tempos e as cores litúrgicas correspondentes a cada um, a partir das seguintes questões:

O que é o Ano Litúrgico? Em quantos tempos se divide? Qual a cor que se atribui a cada tempo litúrgico? Quais os dois grandes acontecimentos que marcam o Ano Litúrgico? Como se chamam os tempos que preparam e que celebram esses acontecimentos?

«O Ano Litúrgico é a sobreposição do percurso do ano normal com os mistérios da vida de Cristo, desde a encarnação até ao regresso glorioso. O Ano Litúrgico começa com o Advento (o tempo da espera do Senhor), tem o seu primeiro clímax no Tempo do Natal e o segundo, ainda mais alto, na celebração da Paixão, Morte e Ressurreição redentora de Cristo, na Páscoa.

O Tempo Pascal termina com o Pentecostes (a descida do Espírito Santo sobre a Igreja). O Ano Litúrgico é continuamente interrompido por festas de Maria e dos santos, nas quais a Igreja exalta a graça de Deus, que conduziu a humanidade à salvação» (Youcat, nº 186)

«O ano litúrgico / tempos litúrgicos

Partindo do Tríduo Pascal, como da sua fonte de luz, o tempo novo da Ressurreição enche todo o ano litúrgico da sua claridade. Ininterruptamente, dum lado e doutro desta fonte, o ano é transfigurado pela Liturgia. É realmente “ano da graça do Senhor”. O ano litúrgico é o desenrolar dos diferentes aspectos do único mistério pascal. Isto vale sobretudo para o ciclo das festas à roda do mistério da Encarnação (Anunciação, Natal, Epifania), que comemoram o princípio da nossa salvação e nos comunicam as primícias do mistério da Páscoa. (CIC 1168, 1171)

Ciclo do Natal

O tempo de Natal começa a preparar-se com o Advento. Num primeiro momento, a liturgia fala da segunda vinda do Senhor no fim dos tempos, a chamada escatologia cristã. No segundo momento, que vai do dia 17 ao 24 de Dezembro, a liturgia vai falar mais directamente da primeira vinda do Senhor, no Natal.

Advento

Início do ano litúrgico. Compõe-se de 4 semanas, começa quatro domingos antes do Natal e termina na tarde do dia 24 de Dezembro. É um tempo de preparação para a celebração do nascimento de Cristo, marcado pela esperança e purificação existencial. Não é um tempo de festas, mas de alegria moderada e preparação para receber o Emanuel. Não se diz o “Glória” nas missas. A cor litúrgica por excelência é o roxo.

Tempo de Natal

O dia de Natal celebra-se no dia 25 de Dezembro e comemora-se o mistério da Encarnação do Filho de Deus.

O tempo de Natal prolonga-se até à festa do Baptismo de Jesus. Após o dia de Natal, há a oitava de Natal e, depois, celebram-se alguns momentos especiais: Festa da Sagrada Família, Festa de Santa Maria Mãe de Deus, Festa da Epifania, Festa do Baptismo de Jesus. É uma época de fé, alegria e recolhimento. A cor litúrgica é o branco.

Tempo comum

1ª Parte

Tem início na segunda-feira após o Baptismo de Jesus e termina na véspera da Quarta-feira de Cinzas. Jesus dá início às suas primeiras pregações, brilhando a esperança da salvação. Trata-se de um tempo de esperança e de escuta da Palavra de Deus. A cor litúrgica é o verde.

2ª Parte

Ao todo são 34 semanas. Começa na segunda-feira após o dia de Pentecostes e vai até ao sábado anterior ao 1º Domingo de Advento. No 1º domingo, celebra-se a festa da Santíssima Trindade. A espiritualidade do tempo é a da vivência do Reino de Deus e de acolhimento da Sua Palavra. Revive-se tudo quanto Jesus Cristo disse e fez para a salvação da humanidade. É um período sem grandes acontecimentos, relembrando que Deus Se faz presente nas coisas mais simples da vida. No Tempo Comum não se celebra um aspecto da nossa fé, como é o caso do Natal (Encarnação), e Páscoa (Redenção), mas celebra-se todo o mistério de Deus, na sua plenitude. Uma temática pode, porém, nele aparecer, quando nele se celebram algumas solenidades, como a “Santíssima Trindade”, o “Corpus Christi” etc., chamadas na liturgia de “Solenidades do Senhor no Tempo Comum”. A cor litúrgica é o verde.

Ciclo da Páscoa

No centro do Ano Litúrgico encontra-se Cristo, no seu Mistério Pascal (Paixão, Morte e Ressurreição). É o memorial do Senhor, que se celebra na Eucaristia. O Mistério Pascal é, pois, o coração do Ano Litúrgico, no seu centro vital. Nele palpitam as pulsações do coração de Cristo, enchendo da vitalidade de Deus o corpo da Igreja e a vida dos cristãos.

Quaresma

Começa na Quarta-feira de Cinzas e termina na Quarta-feira da Semana Santa. É um tempo intenso de penitência, conversão, jejum, esmola e oração. É um tempo de 5

semanas para preparar a Páscoa com a celebração do mistério da paixão, morte e ressurreição de Jesus. Não se canta o “Aleluia”, não se colocam flores nas igrejas nem se diz o “Glória” nas missas. Não se trata de um tempo de louvor, mas de sacrifício e penitência. A cor litúrgica por excelência é o roxo.

Páscoa

Na Quinta-feira Santa tem início o Tríduo Pascal, com a celebração da última Ceia do Senhor. Comemora-se a instituição da Eucaristia, o Sacerdócio e o Mandamento do Amor. Na Sexta-feira celebra-se a paixão e morte de Jesus. É o único dia do ano em que não se celebra missa, acontecendo apenas uma celebração da Palavra com a adoração da santa cruz. No sábado, acontece a solene Vigília Pascal. O Tríduo Pascal culmina com o Domingo da Ressurreição. A Festa da Páscoa não se restringe ao Domingo da Ressurreição pois estende-se durante cinquenta dias até à Festa de Pentecostes*, com a celebração da descida do Espírito Santo. No Domingo anterior celebra-se a Ascensão de Jesus ao céu. É um tempo de alegria pela ressurreição de Jesus. A cor litúrgica é o branco» (Paulo Costa, *Guia prático do cristianismo. Coordenadas para (re)descobrir o caminho da Fé*, ed. Salesianas, Porto 2012, pp.156-157).

*A festa do Pentecostes é celebrada 50 dias após a Páscoa. Jesus ressuscitado volta ao Pai e envia-nos o Paráclito. É o Espírito Santo que anima a Igreja na caminhada em direção à casa do Pai. *Espiritualidade*: Alegria, força, coragem no anúncio do Evangelho. *Ensino*: Descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos e a Virgem Maria e, actualmente, sobre nós. *Cor*: vermelha.

REFLECTINDO

Em assembleia: partilha e aprofundamento – 20 min.

Depois de os pais partilharem, em plenário, as reflexões dos pequenos grupos, o(a) Animador(a) procura levá-los a aprofundar o sentido do Advento, da figura de João Baptista e de duas grandes figuras centrais no presépio: José e Maria.

Por que é que dizemos que o Advento é um tempo de penitência, de espera e de esperança? O que é para ti o presépio? Já reparaste que as figuras do presépio têm uma leitura espiritual? Já falaste do Nascimento de Jesus aos teus filhos a partir das figuras do presépio?

«João Baptista e o Advento

Hoje, talvez mais do que nunca, são necessárias a figura e a mensagem de João Baptista, para que o Advento mantenha ou recupere o seu significado e objectivo cristãos de verdadeira preparação para a celebração da vinda de Jesus. Ou melhor: das vindas.

Nos primeiros séculos do cristianismo, o termo latino *Adventus*, sobretudo na sua versão grega *Parusia*, era aplicado quase exclusivamente à última vinda de Cristo: àquela em que Ele, como Juiz e Rei glorioso, coroará, no final da história, a sua missão e acção redentora. É uma esperança e uma convicção tão antiga, que aparece no NT ainda na

sua forma aramaica, a língua mais comum na Palestina: *Maranatha* (“Senhor nosso vem”) era um grito certamente proferido em todas as celebrações litúrgicas (1 Cor 16, 22; cf. Ap 22, 20).

Um grito especialmente sentido e intenso, numa altura em que os cristãos eram vítimas de incompreensões e de perseguições, quantas vezes sangrentas, devido à fidelidade à sua fé e prática de vida – fundamentadas na experiência vivificante da salvação operada por Cristo na sua primeira vinda, aquela que começara na sua encarnação e terminara na sua morte e ressurreição. É neste seu triunfo sobre a morte, no qual começamos a participar já, pela fé e pelo Baptismo, que se baseia o que ainda hoje proclamamos como artigo de fé: que Ele “de novo há-de vir, para julgar os vivos e os mortos e o seu reino não terá fim” (Símbolo niceno-constantinopolitano).

Mas também a sua primeira vinda acabou por se chamar “Advento”, principalmente quando, a partir de finais do séc. III, começou a ser celebrado o seu início: a sua manifestação na carne, o seu nascimento humano. Até se chegar ao uso mais frequente nos nossos dias: é sobretudo ao tempo de preparação para a celebração do Natal do Senhor que chamamos Advento. Um tempo projectado para a primeira vinda, mas com os olhos na segunda e definitiva.

É assim que, no primeiro dos quatro Domingos que precedem o Natal, somos convidados a contemplar e a saborear, antecipadamente, o triunfo final de Cristo. Só a partir daí tem sentido celebrar o seu nascimento na carne: para sabermos que *a cidade a que pertencemos está nos céus, de onde com certeza esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo* (Fil 3, 20) e vivermos em conformidade com essa esperança.

E é para vivermos essa esperança que precisamos de João Baptista: particularmente num tempo, como o dos nossos dias, em que o Advento está cada vez mais esvaziado do seu sentido original. Quantos, mesmo cristãos, arrastados por um consumismo desenfreado, fazem, precisamente nos dias que antecedem e acompanham o Natal, *do ventre o seu deus* (Fil 2, 19)!» (Guia do Catequista, p. 123).

«A justiça de José, noivo de Maria

Chamamos-lhe “noivo”, porque o caso passou-se, segundo nos conta **Mt 1, 18-25**, durante o período do noivado que precedia, como de resto ainda hoje, a união definitiva realizada no casamento. Mas com algumas diferenças em relação ao que é habitual entre nós: os noivos, sem coabitarem, ficavam juridicamente comprometidos um com o outro. Uma infidelidade, designadamente pelo adultério, podia ser severamente punida, e com a mesma pena prevista para os casados. Noivos adúlteros (e não apenas a noiva) podiam ser apedrejados até à morte (cf. Dt 22, 23-24).

Não consta que essa lei fosse posta em prática, pelo menos nos tempos do NT. Mas que podiam ficar publicamente enxovalhados e com a honra perdida, talvez até para o resto da vida, lá isso sim. O matrimónio e a instituição familiar eram, e bem, demasiado sérios, para ficarem expostos a caprichos e paixões que os podiam destruir.

Era o caso de Maria, pelo menos aos olhos de José. Ela apareceu grávida, e dele o filho não era. Embora pudesse ser. A lei permitia-o. Mas diz-se explicitamente que foi *antes*

de coabitarem (Mt 2, 18); o que, no caso, significa ter sido antes de terem relações sexuais. Que fazer, perante tal “infidelidade”?

A primeira reacção de José foi deixá-la. Bastaria passar um documento de repúdio, e ela ficava livre para contrair matrimónio com outro. Diz-se que o fez, porque *era um homem justo* (v.19). Mas justo para com quem?

Para com a criança? Se Maria *havia concebido pelo poder do Espírito Santo* (v.18), de facto não era justo que aos olhos do mundo o filho aparecesse como de José. Só que ele não conhecia a origem da gravidez. O Evangelista conta que a revelação só lhe foi feita mais tarde, pelo anjo (v. 20).

Portanto, a justiça de José tinha a ver exclusivamente com Maria, como de resto é expressamente dito: *não queria difamá-la* e, só por isso, resolveu deixá-la *secretamente* (v. 19). Como se tal fosse possível. O repúdio exigia o testemunho de, pelo menos, duas pessoas; e, o mais tardar quando nascesse a criança, haveria de saber-se a verdadeira causa do repúdio.

Mas ele amava-a. Só assim se explica a sua decisão e a confusão que ia na sua cabeça. E amava-a, certamente, guiado pela Lei: *amar o próximo como a si mesmo* que estava escrito já em Lv 19, 18. E haveria alguém mais próximo de José do que Maria, sua noiva?

Talvez Deus! Sim, o amor ao próximo estava radicado no amor a Deus. Fazia parte do chamado código da santidade, que começa com este mandamento pronunciado por Deus: *Sede santos, porque Eu, o Senhor vosso Deus, sou santo* (Lv 19, 2). Santo, pelo amor incondicional e ilimitado. Uma santidade que se apodera de quem assim O reconhece e a Ele se entrega. Mesmo quando não vemos claro quanto ao modo como essa santidade se há-de concretizar na prática da vida. Confiar-se a Ele, em todas as circunstâncias, isso é que é justo. E, mais cedo ou mais tarde, far-se-á luz. Porque com os olhos do amor ilimitado de Deus, consegue ver-se muito mais longe, ainda que demore o seu tempo.

No caso de José, durou até ao sonho em que Deus lhe revelou toda a verdade, quanto à sua vontade, quanto ao modo concreto como devia pôr em prática a sua justiça relativamente a Maria: adoptar o Filho e assim contribuir para a justiça que Ele, anos mais tarde, como Emanuel – Deus conosco, iria proclamar e pôr em prática» (*Guia do Catequista*, pp. 140-141).

«“A minha alma glorifica o Senhor”...

Trata-se de um hino de louvor, situado por S. Lucas na visita de Maria a sua prima Isabel (Lc 1, 46-55). Depois do “sim” dito por Maria ao chamamento que lhe foi feito por Deus, para ser a Mãe do *Filho do Altíssimo* (1, 26-38), e depois das palavras que, na sequência dessa entrega, Isabel lhe dirige, felicitando-a por ter acreditado *que havia de cumprir-se tudo o que lhe foi dito da parte do Senhor* (1, 45), no auge de tudo isto, Maria limita-se a endereçar totalmente para Deus a origem de tudo o que está a acontecer: primeiro o que Ele está a realizar nela e por meio dela (vv. 46b-50); depois, o que Ele, a partir da colaboração de Maria, realizará em favor de todo o seu povo (vv. 51-55).

São duas partes cuja sequência é intencional, em vários sentidos. Para bem compreender a segunda, há que ler e rezar atenta e convictamente a primeira.

Traduzindo à letra, Maria começa o seu louvor, exclamando: *A minha alma engrandece* (em latim *magnificat*) *o Senhor*. Isto é, reconhece e proclama a infinita “grandeza” de Deus a quem, por isso, chama *Senhor*. Perante Ele, ela não passa de uma *serva*, ou melhor, de uma *humilde escrava*, a mesma condição com que antes a Ele se confiara – *Eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra* (1, 38). Como escrava, não pertence a si própria. Daí que, no louvor e exultação, envolva todo o seu ser: a *alma*, o *espírito* e o *corpo*. É por meio do corpo que fala, para confessar o que lhe vai na alma, como ser vivo; uma vida que lhe vem do espírito, aquele sopro vital que, segundo Gn 2, 7, Deus insufla em todo o ser humano, para que possa viver e agir.

E é assim que Deus faz nela o que só Ele, o *Todo-Poderoso*, pode realizar: *maravilhas*, semelhantes a tantas outras narradas pela S. Escritura, com destaque para aquelas das quais nascem o povo de Deus – a libertação do Egito, a passagem do Mar Vermelho... Também então, Moisés e os filhos de Israel reagiram, exclamando: *Cantarei ao Senhor, que fez brilhar a sua glória: precipitou no mar cavalo e cavaleiro* (Ex 15, 1). Um salmo que ainda hoje cantamos, nomeadamente na Vigília Pascal, acompanhando-o com o refrão “Deus fez maravilhas: o seu nome é Senhor”.

São maravilhas particularmente desejadas e sentidas, quando aqueles que delas usufruem se encontram em situações “humildes” ou “humilhantes”, isto é, de carência, seja ela material ou espiritual, pessoal ou social. É então que a misericórdia de Deus é mais necessária e procurada. Esta é, se assim se pode falar, a vantagem dos “pobres”, pelo menos no sentido pleno que o termo adquiriu ao longo da tradição bíblica: pessoas a quem falta tantas vezes o mais elementar para uma vida digna, frequentemente devido ao desprezo e à exploração dos outros (os ricos), e que, não podendo confiar mais na justiça humana, se voltam com mais intensidade para o Deus que tudo pode dar.

Maria era uma dessas pessoas: socialmente humilde e humilde pela sua fé em Deus. E quanto mais pequena se viu e se fez, maior se tornou: *de hoje em diante me chamarão bem aventurada todas as gerações...* até aos nossos dias. A misericórdia do Deus que Maria reconheceu como o único verdadeiramente *santo*, continua a estender-se *de geração em geração sobre aqueles que o temem*, isto é, que o respeitam, devido às maravilhas que Ele continua a operar...em nós e por meio de nós, guiados por Maria» (*Guia do Catequista*, pp. 152-153).

ILUMINADOS PELO EVANGELHO

Leitura bíblica e reflexão, com a possibilidade dos participantes fazerem a sua partilha – 15 min.

Lê-se **Jo 1, 6-8.19-28**

O evangelho de João aplica a Jesus dois símbolos: a LUZ, muito querido a este evangelista, e o CAMINHO.

Num tempo em que milhões de luzinhas se acendem nas ruas e nas casas para indicar o Natal, o evangelho fala-nos da LUZ a propósito da figura de João Baptista, uma figura do Advento (lembrar que a última vez que as famílias se encontraram foi

para celebrar a Luz): «Ele não era a Luz, mas vinha para dar testemunho da Luz». O convite a olhar, por entre tantas luzinhas que povoam a escuridão das noites frias de inverno, para a Luz que é farol que guia e chama que aquece.

«Preparai o caminho do Senhor»

É esta a exortação que João Baptista, todos os anos, solenemente proclama no segundo Domingo do Advento. Trata-se de uma intervenção profética, em vários sentidos.

Antes de mais, porque nos chega através de um profeta, isto é, de um homem chamado e constituído por Deus para ser seu porta-voz. Veja-se como é apresentado a seu pai Zacarias (Lc 1, 15-17): *Será grande diante do Senhor*, como acontecera com o grande profeta Elias (1 Rs 17, 1; 18, 15); *não beberá vinho nem bebida alcoólica*, como Sansão (Jz 13, 14) e Samuel (1 Sam 1, 15), ambos consagrados ao Senhor; *será cheio do Espírito Santo já desde o ventre de sua mãe*, à semelhança de Jeremias (Jer 1, 5) e do Servo do Senhor (Is 49, 1). Terá mesmo *o espírito e o poder de Elias*, o primeiro grande profeta de Israel, cujo regresso se esperava para os tempos messiânicos, como seu precursor (Mal 3, 1. 23-24). Daí que Jesus diga dele, mais tarde: *Entre os nascidos da mulher não há profeta maior do que João* (Lc 7, 28).

Mas a sua palavra é profética, também porque actualiza a de um outro profeta, a de Is 40, 3-5 (na versão dos LXX): *Uma voz clama no deserto: “Preparai o caminho do Senhor, e endireitai as suas veredas. Todo o vale será preenchido, todo o monte e colina serão abatidos: os caminhos tortuosos ficarão direitos e os escarpados tornar-se-ão planos. E toda a criatura verá a salvação de Deus”* (Lc 3, 4-6).

O deserto, pela sua aridez e a conseqüente falta ou escassez de mantimentos, é um lugar especialmente propício para a procura e o encontro com Ele. Foi assim com o povo de Israel que, pela fome por que passou no deserto, aprendeu *que nem só de pão vive o homem; mas de tudo o que sai da boca do Senhor é que o homem viverá* (Dt 8,3). E ainda hoje, porventura, não é em tantos “desertos” da vida, impostos ou mesmo procurados, que tantas pessoas encontram o caminho para o único Deus que lhes pode proporcionar uma vida em plenitude?

Por isso mesmo, foi também no deserto, em que cresceu (Lc 1, 80), que João foi chamado para uma tal intimidade com Deus, que Este lhe colocou nos lábios palavras que Ele próprio havia proferido por outro dos seus profetas. Palavras que desafiam quem as ouve ou leia, a afastar dos seus caminhos tudo o que o impede de um rápido e pleno encontro com Deus: os montes e as colinas, os vales e as curvas do egoísmo, do erro, do pecado – tudo aquilo de que só *um Baptismo de penitência para perdão dos pecados* pode purificar (Lc 3, 3).

Assim era a pregação de João: um convite à conversão, à mudança de pensar e de agir, que o banho de água simbolicamente confirmava e consolidava. Daí o título que a tradição posterior lhe atribuiu: “Baptista” significa o que baptiza. Um Baptismo que prefigurava e preparava o Baptismo *no Espírito Santo e no fogo* que, anos mais tarde, haveria de ser administrado em nome daquele que João anunciava: *Alguém mais forte do que eu e a quem não sou digno de desatar a correia das sandálias* (Lc 3, 16).

Por isso, quando Pedro e os Apóstolos anunciavam esse Messias já morto e ressuscitado, fizeram-lhes precisamente a mesma pergunta (Act 2, 37), dirigida aqui a João por aqueles que acolhem a sua palavra: que devemos fazer?» (Guia do Catequista, pp. 124-125).

Construir em casa o presépio com o(os) filho(s) e falar-lhes das figuras do presépio, na consciência de que devemos construir o presépio com a nossa vida: deixar que Jesus nasça, possa incarnar na vida da nossa família.

II. Catequese das Crianças

Preparamos o caminho do Senhor com José e Maria

O(a) catequista, após o acolhimento e a partilha das crianças sobre a conversa tida em casa acerca do tempo do Advento, vai fazer uma catequese, sintetizando as catequese 7 («*Preparamos o caminho do Senhor*»), 8 («*José – “um homem justo”*») e 9 («*Maria glorifica o Senhor*»). Para tal, seguindo o *Guia do Catequista*, pp.123 a 167, ajuda-os a tomar consciência sobre o que é o Advento e o papel de três figuras deste tempo de preparação para o Natal: João Baptista, José e Maria.

3ª Semana

Diálogo em Família

Acompanhar a explicação com a apresentação do Guia dos Pais nas páginas 61 a 74.

Em casa, os pais, constroem com os filhos o presépio e falam com eles do significado do presépio e das suas figuras. Seguindo o *Guia dos Pais* devem falar-lhes do sentimento da partilha próprio deste tempo e, sobretudo, de duas figuras centrais no presépio: José e Maria.

4ª Semana

Domingo em Família

CELEBRAÇÃO DE NATAL

A Celebração de Natal deve acontecer algumas horas antes a Eucaristia dominical ou, no Sábado à tarde, na Missa vespertina. Também poderá ser noutra dia. É importante tempo, para que a celebração, sem pressas, se revista de todo o seu significado. Seja qual for o momento escolhido, as famílias devem levar desta celebração uma partilha para a Eucaristia dominical da comunidade.

Antes da celebração, pais e filhos reúnem-se em simultâneo: o(a) Animador(a) prepara com os pais a celebração, reflectido sobre o seu significado, e, no final dá-lhe sugestões para abordarem o próximo *Diálogo em Família*; entretanto, o(a) catequista,

depois de estimular a partilha das crianças sobre o diálogo com os pais, prepara-as para a celebração.

Este encontro que antecede a celebração não deve ser muito longo, pois o que interessa é proporcionar uma celebração vivida e sentida.

I INTRODUÇÃO

OBJECTIVOS

- Realizar o memorial celebrativo do Natal do Senhor;
- Acolher e entregar-se, pela fé, a Jesus, nossa luz;
- Partilhar a vida com os mais desfavorecidos.

OBSERVAÇÕES PEDAGÓGICAS

1. Com esta celebração conclui-se o ciclo, primeiramente, das catequeses do Advento. O presépio que tem vindo a ser construído, é nela completado, e as ofertas que as crianças se decidiram fazer, serão apresentadas ou entregues (conforme o seu destino) num clima de fé e oração, de caridade e de muita alegria, de acordo com o espírito do Natal cristão.

2. Ao mesmo tempo, há uma ligação com as outras catequeses, através do símbolo da luz e do incentivo a seguir Jesus, a partir do Baptismo, expresso de dois modos: pela oração, feita sobretudo na expressão de fé, e a entrega dos lenços brancos, alusivos à veste branca recebida na celebração baptismal e dos quais as crianças voltarão a servir-se, noutras catequeses relativas à iniciação cristã. Nesse sentido, propõe-se que a entrega seja feita pelos pais ou outros responsáveis pela educação cristã das crianças.

3. Procure-se que os lenços, com as palavras “Sou de Cristo, Sou Feliz”, tenham um tamanho e uma forma semelhante aos dos que são usados pelos escuteiros. Se as famílias tiverem dificuldades em adquirir-los, procure-se a ajuda ou dos padrinhos das crianças ou da paróquia. Convém que nenhuma criança fique sem ele.

4. A participação dos pais e/ou outros familiares justifica-se pelas razões apresentadas: trata-se de uma celebração natalícia, com um cunho especialmente familiar; na caminhada pré e pós-baptismal o papel dos pais é imprescindível. Além disso, também os pais têm sempre muito a aprender, neste caso, dos próprios filhos que, por isso, ficam redobradamente felizes.

5. Para uma maior participação, os textos bíblicos e a oração dos fiéis podem ser lidos por eles, desde que atempadamente informados e preparados. O mais importante é que leiam bem. No cortejo, a seguir à 1ª leitura bíblica, o círio pascal e a imagem do Menino Jesus podem também ser levados por dois deles.

6. A vela alusiva a Cristo deve, tanto quanto possível, ser o círio pascal, pela sua relação com o Baptismo e pela ligação entre o Natal e a Páscoa. De qualquer modo, seja uma

vela maior do que as restantes velas do Advento e ocupe, correspondentemente, o lugar central em cima da mesa.

7. Tratando-se de uma celebração, o catequista que preside evite, tanto quanto possível, longos discursos. Em celebrações, o destaque vai para os gestos e os símbolos, a escuta e a oração.

MATERIAIS

- Dísticos “Cristo” (catequeses anteriores) e “Natal”;
- Figuras de S. João Baptista, S. José e Nossa Senhora (catequeses anteriores);
- Três velas do Advento (catequeses anteriores), que podem estar decoradas, cada uma, com um símbolo das três figuras do Advento que representam;
- Cartões em forma de estrelas (escritos e usados nas catequeses anteriores);
- Duas folhas, cada uma com uma das duas partes do texto do *Magnificat* (catequese anterior);
- Imagem do Menino Jesus;
- Almofada ou “manjedoura” para a imagem;
- Círio pascal ou vela correspondente (se possível com os números do ano em curso);
- Folhas com os textos das leituras bíblicas e da oração dos fiéis (sobretudo para o caso de serem feitas por várias pessoas);
- Cestos ou recipientes correspondentes, para a recolha das ofertas das crianças (se forem oferecidas a uma instituição social de caridade);
- Lenços brancos, alusivos ao Baptismo (com as palavras “Sou de Cristo, Sou Feliz” – ver Documento 1), se possível embrulhados em forma de prendas, um para cada criança;
- Velas do Baptismo, para as crianças, e uma outra para cada um dos pais e outros participantes adultos;
- Bíblia;
- Fósforos ou outro meio para acender as velas;
- Máquina fotográfica.

MÚSICAS

- “Dlim, dlão” (ou outra natalícia);
- “Preparai o caminho do Senhor”;
- “A minha alma glorifica o Senhor”;
- “Senhor Jesus, Tu és a luz” (estrofes próprias);
- “Jesus Cristo és meu amigo”;
- “Sou de Cristo, sou feliz”.

PARTICIPANTES E INTERVENIENTES NA CELEBRAÇÃO

– As crianças do grupo, acompanhadas dos pais e/ou outros familiares (ou seus substitutos): num caso ou no outro, pessoas com relações íntimas e frequentes com as crianças, designadamente na vivência do Natal. Convém que tenham sido

expressamente convidadas e se conheça previamente o seu número, em ordem, sobretudo, à escolha e ao arranjo do lugar da celebração.

– Os adultos também podem colaborar activamente nas leituras da Palavra e no cortejo a seguir à primeira leitura. No entanto, o catequista procurará que as crianças participem tanto quanto possível e sejam, em união com o Deus Menino, as protagonistas da celebração. Mas que, adultos e crianças, sejam para isso previamente preparadas, para que tudo decorra com ordem e dignidade.

LUGAR DA CELEBRAÇÃO

– Se possível, na sala habitual da catequese.

– Só se esta for demasiado pequena para todos os participantes terem lugar sentado, se escolha um outro espaço que, porém, ofereça as condições para uma celebração ordenada e tranquila.

PREPARAÇÃO DA SALA

– No **placar**: ao centro, o dístico “Cristo” (das catequese anteriores) rodeado das figuras de S. João Baptista (por cima) S. José e Nossa Senhora (uma de cada lado e voltada para o dístico); ao alto o dístico “Natal” (no lugar de “Advento” das catequese anteriores); espalhadas pelo placar e (se necessário) pela parede, as cartolinas em forma de estrelas, escritas nas duas catequese anteriores.

– Na **mesa**: as três velas do Advento (apagadas) a rodear a Bíblia (ao centro) e a almofada

(ou “manjedoura”), mas sem a imagem do Menino Jesus.

– No **corpo da sala**: à frente, as cadeiras para as crianças, e, por trás, para os adultos, todas, se possível, ordenadas em semicírculo, mas com um corredor no meio. Se o grupo for relativamente pequeno e as cadeiras forem todas do mesmo tamanho, é preferível que as crianças fiquem junto dos pais.

A **iluminação** convém que seja diminuta, para facilitar o desenvolvimento da celebração.

ACOLHIMENTO FORA DA SALA

– Se o espaço e o tempo o permitirem, as crianças e seus acompanhantes sejam recebidos pelo(s) catequista(s) fora da sala. Aí se podem preparar os adultos que vão ter uma especial intervenção e ensaiar alguns cânticos menos conhecidos.

– Se tal não for possível fora da sala, o ensaio seja feito nela. Mas para o cortejo de entrada, volte a sair-se.

– No cortejo de entrada vai à frente o catequista, que preside, seguido das crianças em fila e dos restantes catequistas (se os houver) e dos restantes acompanhantes. Se as crianças ficarem junto dos pais, entram juntamente com eles. Convém que antes sejam informados do lugar que vão ocupar.

– Se as prendas que as crianças trazem forem demasiado grandes, podem ser levadas pelos acompanhantes.

II – DESENVOLVIMENTO DA CELEBRAÇÃO

I. ENTRADA E ACOLHIMENTO

1. Cântico de entrada *(durante o cortejo)*

“Dlim, dlão” *(ou outro natalício)*.

2. Saudação

Presidente:

A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo que para nós nasceu da Virgem Santa Maria esteja convosco.

Todos:

Bendito seja Deus
que nos reuniu no amor de Cristo.

3. Acolhimento

Presidente (depois de sentadas as pessoas):

Dlim, dlão! Que bem tocaram os sinos! E até cantaram!

Porquê?... Olhem para o alto do nosso placar... Que temos lá escrito?...

Natal! E é o nascimento de quem?...

Mas antes estava lá outra palavra. Lembram-se qual era?

“Advento”. Estivemos a preparar a festa da vinda Jesus, do seu nascimento, durante três catequeses: além de aprendermos muitas coisas sobre este acontecimento extraordinário, procurámos preparar o nosso coração para receber Jesus!

Expliquem aos pais o que fizemos. Que temos nós andado a construir?... Um presépio!

Mas é um presépio especial: quisemos que fosse *(aponta as estrelas)*... todo cheio de luz.

4. Acto penitencial

Contem lá então como tem sido. Podem servir-se do que está afixado no placar.

N... explica-nos quem foi a primeira daquelas três figuras a visitar-nos...

E que nos ensinou João Baptista?... A preparar a vinda de Jesus! “Preparai o caminho do Senhor”, disse ele.

Lembram-se do que ele fazia para preparar a vinda de Jesus, *N...*? Ele baptizava as pessoas! E para que as baptizava ele? – Para ficarem limpas dos seus pecados.

Quem faz mal aos outros, porque os rouba, porque é violento, ou não tem respeito por eles... Quem faz assim, não tem um coração preparado para receber o Senhor Jesus.

Mas, infelizmente, também nós, às vezes, fazemos essas ou outras maldades: não estudar mais na escola...; não trabalhar melhor no nosso emprego...; não ligar às outras pessoas, principalmente às que têm dificuldades, estão sós, doentes...; chegar tarde à catequese...; não ajudar em casa...; só brincar com alguns meninos da escola ... não rezar nem ir à igreja...

Vamos todos, crianças e adultos, pensar um bocadinho nisso: no bem que podíamos ter feito e não fizemos; e nas maldades que, se calhar, às vezes fazemos... Para nos arrependermos.

Fechemos os olhos e pensemos um bocadinho, em silêncio...

Agora, de pé... cantemos as palavras de João Baptista:

Cântico:

“Preparai o caminho do Senhor” (3ª estrofe: “Nossa vida precisa de mudar”...)

E, como sinal de que queremos amar como Jesus amou, vamos pedir perdão uns aos outros: primeiro, dão um aperto de mão ou um beijo aos colegas que estão ao vosso lado e depois aos vossos familiares.

(Durante o gesto da paz, o catequista acende a 1ª vela, a referente a João Baptista)

II. ORAÇÃO

Podem sentar-se...

Com o arrependimento e o perdão dos nossos pecados, até aumenta a luz na nossa sala. Vejam como a 1ª vela do Advento já está acesa...

Mas ainda faltam duas. *N...*, de quem são elas?...

Uma é de S. José, muito bem. *(Apontando para o placar:)* Lá está a figura dele junto de Jesus Cristo.

Que fez ele? – Aceitou ser o pai adoptivo de Jesus?...

E por não ter deixado Maria e Jesus sozinhos, como é que a Bíblia lhe chama?...”Um homem justo”. Uma pessoa justa é aquela que procura fazer sempre e em tudo a vontade de Deus.

E Maria?... Maria ainda é mais especial! Imaginem, ser a Mãe de Jesus. E como ela aceitou este pedido!

Lembram-se daquela oração tão bela que ela fez a Deus e nos ensinou a rezar?

Vamos rezá-la agora! Ainda não a sabemos de cor, mas podemos lê-la e apreciá-la.

O *N...* e a *N...* vão lê-la para nós e nós podemos acompanhar a leitura com um cântico, aquele que usa as palavras de Maria: “A minha alma glorifica o Senhor”...

Mas, antes de começarmos, *N...* e *N...* venham acender as velas de S. José e de Nossa Senhora...

*Enquanto as crianças **acendem as velas**, os dois leitores do Magnificat aproximam-se frente e colocam-se de um lado e do outro da mesa, voltados para ela. Todos se levantam.*

- **Cântico** (com o gesto de elevar as mãos):
“**A minha alma glorifica o Senhor**” (só o refrão).

1º leitor (lentamente:)

**A minha alma glorifica o Senhor
e o meu Espírito se alegra em Deus, meu Salvador.
Porque pôs os olhos na humildade da sua serva:
de hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações.
O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas:
Santo é o seu nome.
A sua misericórdia se estende de geração em geração
sobre aqueles que o temem.**

- **Cântico** (com o gesto de elevar as mãos):
“**A minha alma glorifica o Senhor**” (só o refrão).

2º leitor:

**Manifestou o poder do seu braço
e dispersou os soberbos.
Derrubou os poderosos de seus tronos
e exaltou os humildes.
Aos famintos encheu de bens
e aos ricos despediu de mãos vazias.
Acolheu a Israel, seu servo,
lembrado da sua misericórdia,
como tinha prometido a nossos pais
a Abraão e à sua descendência para sempre.**

- **Cântico** (com o gesto de elevar as mãos):
“**A minha alma glorifica o Senhor**” (só o refrão).

III. PALAVRA

Podem sentar-se.

Reparem como, com S. José e Nossa Senhora, o nosso presépio está a ficar ainda mais luminoso...

Mas falta o principal. Quem será?

O Menino Jesus! Estão preparados para o receber?...

Falta saber quem no-lo vai apresentar...

Vai ser uma pessoa que viveu muitos, mesmo muitos anos antes de Jesus nascer. É que Ele era esperado e desejado havia muito tempo.

E começou a ser desejado, sobretudo numa altura em que, na terra onde Ele nasceu, havia uma grande desgraça. Numa guerra tinha sido quase tudo destruído e arrasado. E as pessoas ficaram tão tristes e abatidas, que era como se estivessem numa escuridão completa.

E foi nessa altura que um profeta, um grande amigo de Deus, anunciou que havia de vir um Salvador, um novo rei ou Messias. Esse profeta chama-se Isaías.

Vamos ouvir como ele anunciou Jesus, tantos anos antes de Ele vir ao mundo.

1. Leitura (Is 9, 1.4-6a)

1º leitor (um pai ou uma mãe):

Leitura do livro do Isaías:

**O povo que andava nas trevas
viu uma grande luz;
para aqueles que habitavam nas sombras da morte
uma luz começou a brilhar.
Todo o calçado ruidoso da guerra
e toda a veste manchada de sangue
serão lançadas ao fogo
para serem completamente queimados.**

2º Leitor (o filho ou a filha):

**Porque um menino nasceu para nós,
um filho nos foi dado.
Tem o poder sobre os seus ombros
e será chamado “Conselheiro admirável,
Deus forte, Pai eterno, Príncipe da paz”.
O seu poder será engrandecido numa paz sem fim.
Palavra do Senhor.**

Todos:

Graças a Deus

2. Cântico responsorial

Catequista:

Vamos, então, acolher este “Conselheiro admirável”, este “Deus forte, Pai eterno, Príncipe da paz”.

De pé... e voltados para o fundo da sala cantemos:

Todos:

“Senhor Jesus, tu és a luz”.

Depois de se cantar pela 1ª vez o refrão, parte do fundo da sala o cortejo com o círio pascal aceso, seguido da imagem do Menino Jesus, transportados, de preferência, por um adulto (círio) e a sua criança (Menino Jesus).

Caminham lentamente, se possível pelo corredor central, e, chegados à frente da mesa, voltam-se para a assembleia, mostrando a imagem e o círio, até ao final do canto. Só então colocam em cima da mesa a imagem do menino na almofada (ou manjedoura), à frente, e o círio, por detrás.

Solista(s):

**“Nasceu p’ra nós um Menino:
Filho de Deus, é divino.”**

Todos:

“Senhor Jesus, Tu és a luz”...

Solista(s):

**“Admirável conselheiro,
Deus forte, Ele é o primeiro.”**

Todos:

“Senhor Jesus, Tu és a luz”...

Solista(s):

**“É o Príncipe da paz
que do Pai do Céu nos traz”**

Todos:

“Senhor Jesus, Tu és a luz”...

3. Acendimento das velas

Catequista:

Para acolhermos bem o Deus Menino, acendamos as nossas velas na sua luz.

Primeiro as crianças e depois os adultos, aproximam-se, em fila, da mesa e acendem a sua vela do Baptismo (ou outra) no círio pascal.

Se este estiver muito alto, o catequista que preside (ou outro) pode pegar nele até ao nível das crianças.

*Se forem muitos os participantes, pode ir apenas o 1º de cada fila que, depois, propaga a luz pelos restantes. Durante o acendimento, pode cantar-se o mesmo **cântico**:*

“ Senhor Jesus, Tu és a luz ”... *(As mesmas estrofes e/ou as usadas na catequese 6).*

4. Proclamação do Evangelho (Mt 2, 1-5a.7-12): *se, possível, por dois leitores, um adulto e a sua criança; ou então dramatizada, em que o adulto faz o papel de narrador e três crianças os papéis dos Magos, Herodes e Sacerdotes.*

Catequista:

Será que todas as pessoas são capazes de receber bem Jesus?!...

Ouçamos o que se passou alguns dias depois de Ele nascer...

1º leitor (adulto):

O Senhor esteja connosco.

Todos:

Ele está no meio de nós.

1º leitor:

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, segundo São Mateus:

Todos:

Glória a vós, Senhor.

1º leitor:

**Tinha Jesus nascido em Belém da Judeia,
nos dias do rei Herodes,
quando chegaram a Jerusalém uns Magos vindos do Oriente.
Perguntaram eles:**

2º leitor (criança):

**«Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer?
Nós vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo.»**

1º leitor:

**Ao ouvir tal notícia,
O rei Herodes ficou perturbado
e, com ele, toda a cidade de Jerusalém.
Reuniu todos os príncipes dos sacerdotes e escribas do povo
e perguntou-lhes onde devia nascer o Messias.
Eles responderam:**

2º (ou 3º) leitor:

Em Belém da Judeia.

1º leitor:

**Então Herodes mandou chamar secretamente os Magos
e pediu-lhes informações precisas
sobre o tempo em que lhes tinha aparecido a estrela.
Depois enviou-os a Belém
E disse-lhes:**

2º (ou 4º) leitor:

**«Ide informar-vos cuidadosamente acerca do Menino;
e, quando O encontrardes, avisai-me,
para que também eu vá adorá-lo.»**

1º leitor:

**Ouvido o rei, puseram-se a caminho.
E eis que a estrela que tinham visto no Oriente
seguia à sua frente
e parou sobre o lugar onde estava o Menino.
Ao ver a estrela, sentiram grande alegria.
Entraram na casa,
viram o Menino com Maria, sua Mãe,
e, prostrando-se diante d'Ele, adoraram-n'O.
Depois, abrindo os seus tesouros,
ofereceram-lhe presentes:
ouro, incenso e mirra.
E, avisados em sonhos
para não voltarem à presença de Herodes,
regressaram à sua terra por outro caminho.
Palavra da salvação.**

Todos:

Glória a vós, Senhor.

Presidente:

Herodes queria ser o único rei e, por isso, temia aquele Menino.
Mas nós, com um coração como o dos Magos, vimos ao presépio para adorar o Menino Jesus.
Assim, levantamos as nossas velas... e cantemos de novo:

Cântico:

“Senhor Jesus, Tu és a luz” (*só o refrão*).

Os leitores afastam-se para os seus lugares.

IV. EXPRESSÃO DE FÉ

1. Introdução

Os Magos foram guiados por uma estrela, para encontrarem Jesus.

E que temos nós aqui no placar (e nas paredes)?...

Não é só uma estrela, mas são muitas. Será que também elas guiam para Jesus?...

N..., explica-nos: de quem são estas estrelas...

E que escrevemos nelas?

- Umhas têm nomes de pessoas (ou, se for o caso, de... – *nome da instituição ou país a que se destinam as ofertas das crianças*).

- E nas outras que está escrito?... O nome das coisas que quereis partilhar com as pessoas escritas nas outras estrelas (*exemplificar*).

E quem nos convidou a partilhar as nossas coisas?...

João Baptista, para prepararmos o nascimento de Jesus.

Quer dizer, a luz que representam aquelas estrelas é a luz de Jesus. São estrelas que chamam a nossa atenção para Jesus. Sim, porque aquilo que nelas está escrito foi o que Jesus também fez e nos pediu para fazer.

Por isso mesmo trouxemos estas nossas prendas.

Vamos mostrar a Jesus onde e quando o seguimos e que somos capazes de amar como ele nos pediu. Quando fazemos o que Ele fez e nos ensinou, aí nós levamos a luz que é Jesus.

Querem dizer-lhe isso?

Vamos fazer assim: eu digo as coisas boas que Jesus fez e nos manda fazer e vós respondeis assim: “Aí está a tua luz, meu bom Jesus”. Ora digam lá, para aprenderem: “Aí está a tua luz, meu bom Jesus”.

Para ser mais bonito, podem levantar as velas. Experimentem lá: “Aí está a tua luz, meu bom Jesus”.

Então, primeiro voltemo-nos para Ele e façamos um bocadinho de silêncio, para rezarmos melhor...

2. Oração *(As preces podem ser lidas por seis crianças, se houver condições, a partir da frente; se não, a partir do seu lugar).*

Leitor 1:

**Onde damos de comer a quem tem fome,
de beber a quem tem sede
e socorremos os pobres e os doentes...**

Todos:

Aí está a tua luz, meu bom Jesus.

Leitor 2:

**Onde respeitamos e acolhemos os estrangeiros
e perdoamos a quem nos ofende...**

Todos:

Aí está a tua luz, meu bom Jesus.

Leitor 3:

**Onde obedecemos aos pais, avós e professores
e agradecemos a quem nos ensina e nos ajuda...**

Todos:

Aí está a tua luz, meu bom Jesus.

Leitor 4:

**Onde deixemos tantas coisas, para te seguir
e anunciar aos outros o teu Reino só de amor e só de paz...**

Todos:

Aí está a tua luz, meu bom Jesus.

Leitor 5:

**Onde e sempre que nos reunimos, como hoje,
para ouvirmos a tua Palavra e rezarmos contigo...**

Todos:

Aí está a tua luz, meu bom Jesus.

Leitor 6:

**Onde e sempre que temos bons pais e bons familiares,
bons professores e bons catequistas...**

Todos:

Aí está a tua luz, meu bom Jesus.

Catequista que preside:

Agora, rezemos, todos juntos, a oração que Jesus nos ensinou:

Todos:

Pai Nosso...

(No final, todos apagam as velas e são acesas todas as luzes da sala).

3. Apresentação ou entrega das ofertas

Catequista:

Agora sim, podemos fazer a entrega das ofertas a Jesus.

Fazemos assim: em fila, cada um vem aqui à frente, entrega a sua oferta a Jesus, e depois beija a sua imagem.

Enquanto o fazemos, cantemos:

Cântico:

“Jesus Cristo, és meu amigo”.

No caso de uma simples apresentação, as crianças conservam as suas ofertas.

Se forem entregues, podem ser depositadas em recipientes apropriados, por exemplo, cestos.

Os adultos, conforme o caso, devem também participar.

Tirem-se fotografias da apresentação e/ou entrega das ofertas.
Serão necessárias na próxima catequese.
Se, de todo, não for possível, o catequista pedirá às crianças que,
com a ajuda dos pais,
e em casa, reproduzam esse momento da celebração
em desenhos feitos em folhas de bom papel A4.

Se as ofertas das crianças forem canalizadas para uma instituição de solidariedade, o catequista deve combinar aqui o dia e a hora da entrega, ainda antes do Natal. Se não for possível levar todas as crianças, irá um pequeno grupo, em representação. Também dessa entrega convém fazer registo fotográfico, ou, pelo menos, ser ilustrado pelas crianças participantes.

V. ENTREGA DAS PRENDAS E DESPEDIDA

1. Entrega dos lenços brancos

Catequista:

Agora falta receber, cada uma de vós, a sua prenda. Uma bela surpresa. Vai ser-vos entregue (se possível) pelos vossos pais (ou outro familiar).

(Depois da entrega:)

Que está aí escrito nos vossos lenços? - “Sou de Cristo, Sou Feliz”.

E somos de Cristo desde quando? - Desde que fomos baptizados!

Então vão fazer o seguinte: por baixo dessas palavras (*o catequista mostra o seu lenço, já com a inscrição da data do Baptismo no sítio correcto*) vão, lá em vossa casa, escrever a data do vosso Baptismo. Para ficar com números bem feitos, podem pedir ajuda dos pais ou outro adulto. (*Se houver condições, pode-se sugerir que a data seja bordada.*)

Havendo no grupo crianças por baptizar, em vez de escreverem agora, fá-lo-ão depois do seu Baptismo.

E não se esqueçam disto: tragam os lenços para a próxima catequese, mas já com a data do Baptismo. Vão ser muito necessários.

E agora cantemos o que está neles escrito. E enquanto cantamos, podem abanar os lenços...

2. Cântico final

“Sou de Cristo, sou feliz”.

3. Despedida

Catequista:

Desejo a todos um Santo Natal e um feliz Ano Novo.

Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

Todos:

Graças a Deus.

No catecismo,

para recordar a Celebração de Natal:

Na página 46 do catecismo, reler a Leitura do Livro de Isaías.

Na página 47 do catecismo, observar as imagens que ilustram a adoração dos Magos do Oriente prestada a Jesus e escutadas durante a leitura do Evangelho de S. Mateus e que resume a mensagem central da Celebração do Natal.

Na página 48 do catecismo, actividade “Somos capazes de amar como Jesus pediu” observando as imagens desse amor e ilustrando o propósito “Fazer a paz”.